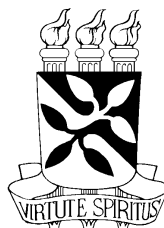


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E
SAÚDE**

REGIANE ASSUNÇÃO CAMPOS

**A FOME DO ESTUDANTE NOTURNO:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SALVADOR, BAHIA.**

Salvador
2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E
SAÚDE**

REGIANE ASSUNÇÃO CAMPOS

**A FOME DO ESTUDANTE NOTURNO:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SALVADOR, BAHIA.**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Soares de Freitas

Salvador
2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Enfermagem e
Nutrição, SIBI - UFBA.

C186 Campos, Regiane Assunção

A fome do estudante noturno: um estudo de caso em uma
escola pública em Salvador, Bahia / Regiane Assunção Campos.
– Salvador, 2011.

102 f.

Orientador: Prof^a. Dr^a Maria do Carmo Soares de Freitas

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Escola de Nutrição, 2011.

1. Fome. 2. Alimentação Escolar 3. Estudantes – Ensino
Médio. 4. Escola Pública I. Freitas, Maria do Carmo Soares. II
Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU: 612.39

FOLHA DE APROVAÇÃO

REGIANE ASSUNÇÃO CAMPOS

A FOME DO ESTUDANTE NOTURNO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SALVADOR, BAHIA.

Trabalho aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde – UFBA, pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

Professora Doutora Maria do Carmo Soares de Freitas _____
Doutora em Saúde Pública – Instituto de Saúde Coletiva/UFBA.
Professora Adjunto da Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia (Orientadora).

Professora Doutora Nilce de Oliveira _____
Doutora em Sociologia – Universidade del Pais Vasco/Espanha.
Professora Associada II da Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia.

Professor Doutor Elizeu Clementino de Sousa _____
Doutor em Educação – Universidade Federal da Bahia/UFBA.
Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia/UNEB.

Aprovada em: 25 de março de 2010.

Local de defesa: Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia.

Mas não é agindo apenas sobre o corpo dos indivíduos que a fome aniquila o homem. É também atuando sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social.

Josué de Castro

Dedicatória:

*Aos meus pais Vilma e Luciano, ao meu
companheiro Eron e à minha querida
Carminha, dedico este trabalho.*

Agradecimentos

Os agradecimentos são muitos e especiais...

A Deus, pela sua infinita bondade e por levantar pessoas que estiveram ao meu lado durante essa caminhada.

Aos meus pais, Luciano e Vilma, meus irmãos Sergio, Jay, Jean e Lu, e aos meus amados sobrinhos Luan, Ícaro, Riquísson e Bibia, pelo apoio familiar e amor incondicional.

Ao meu companheiro Eron pela paciência e demonstrações de amor e cuidado em todos os momentos.

*Aos queridos colegas do mestrado, pelas contribuições em cada etapa, em especial Juliana Argolo, Oswaldo e Ana América, pelos momentos de desabaços, alegrias e desespero.
Obrigada pela amizade de vocês!!!*

Aos alunos, professores e funcionários do Colégio Ypiranga pela confiança ao compartilharem comigo um pouco de suas histórias de vida.

Às minhas amigas Paty, Ilze, Wânia e Lara pelos telefonemas e afagos de longe.

Às amigas de trabalho Alice, Karine, Juliana, Mailí, Amandita, Maria Helena, Amanda Valente e Lu Barros pelas palavras de incentivo sempre.

À prof. Rita Ribeiro pela oportunidade de crescimento e amadurecimento profissional, e a todos os amigos do Núcleo de Pesquisa: Andréia Oliveira, Cristiane Borges, Elizabeth Felipe, Elizabeth Pinto, Cadja, Elmo, Eliane, Nadjane, sr. Clementino e Claudinha.

À Dayse Sacramento e a Joel Calixto pelas valiosas dicas e “iluminações”.

A todos os professores da Escola de Nutrição, em especial às professoras Iracema Veloso, Nilce de Oliveira, Ana Marlúcia e Sandra Chaves, presentes em momentos decisivos da minha vida acadêmica, que contribuíram muito para que eu chegasse até aqui.

Ao prof. Elizeu Clementino pela disponibilidade e preciosas contribuições na área de Educação e Pesquisa Qualitativa.

*A todos os funcionários da Escola de Nutrição, especialmente ao sr. José Carlos.
Obrigada por tudo Zé!!!*

À prof. Gardênia, uma das primeiras pessoas com quem compartilhei as idéias desse trabalho e por todo apoio via CECANE, onde contei também com o apoio das professoras Lílian Ramos e Lígia Amparo e às colegas Idi, Soraia e Luciana, o meu muito obrigada!

À FAPESB e à CAPS pelo apoio financeiro.

E o meu muito obrigada, à minha orientadora Maria do Carmo Soares de Freitas, minha querida professora Carminha, cuja presença e exemplo, desde a graduação, me trouxeram inspiração e motivação na elaboração deste trabalho. Com amor, o meu muito obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 Sobre a formação histórica da escola no Brasil.....	09
1.2 A fome e a política pública de alimentação escolar.....	12
1.3 Características da escola e dos sujeitos do estudo.....	17
2. OBJETIVOS	
2.1 Objetivos gerais.....	19
2.2 Objetivos específicos.....	19
3. PERGUNTAS DA INVESTIGAÇÃO.....	20
4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO – METODOLÓGICAS.....	21
5. ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
5.1 A escola pública, sob a visão de seus alunos.....	24
5.2 Sobre o vazio da sala de aula.....	26
5.3 A junção das turmas.....	29
5.4 O estudante noturno e suas fomes.....	30
5.5 A comida que mata a fome fora dos muros da escola.....	33
5.6 A fome que morre no corpo.....	37
5.7 A comida da noite é a sobra do dia.....	39
5.8 A experiência da sopa.....	42
6. CONCLUSÕES.....	46
7. REFERÊNCIAS.....	47
8. APÊNDICES	
8.1 Apêndice A: Roteiro das entrevistas.....	51
8.2 Apêndice B: Transcrição da entrevista – Estudante.....	52
8.3 Apêndice C: Transcrição da entrevista – Professora.....	53
8.4 Apêndice D: Transcrição dos textos narrativos.....	54
9. ANEXOS	
9.1 Anexo A: Parecer do comitê de ética e pesquisa.....	66
9.2 Anexo B: Parecer do Secretário de Educação.....	67
9.3 Anexo C: Termo de consentimento livre e pré-esclarecido.....	68
9.4 Anexo D: Fotos.....	69
9.5 Anexo E: Artigo.....	79

**A FOME DO ESTUDANTE NOTURNO:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SALVADOR, BAHIA.**

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo, sobre a situação de fome do estudante do ensino médio noturno em uma escola pública em Salvador, Bahia. O objetivo é compreender os significados da fome vivenciados por esses atores sociais após um dia de trabalho, no momento da escola, onde a necessidade de estudar supera a sensação física de fome. Especificamente, analisa-se o contexto social desses indivíduos e a realidade da escola pública noturna, para compreensão das muitas faltas sociais elucidadas e qualificadas como fomes. Nos registros das vivências sociais, os atores configuram outras maneiras de compreender o mundo e a fome, conformando um conjunto de informações que apontam para a necessidade de discutir políticas públicas de alimentação adequadas à essa realidade escolar.

Palavras Chaves: Significados; Fome; Alimentação Escolar; Ensino Médio.

**THE NOCTURNE HUNGER :
A STUDY OF CASE IN A PUBLICS SCHOOLS IN SALVADOR BAHIA.**

ABSTRACT

Treaty up of a study qualitative, above the situation of hunger of student of medium teach nocturne in a public school at Salvador,Bahia. The objective is understand the means of hunger lives by this actors society after a day of work ,in the moment of school,where the need of study overcome physics sensations of hunger. Especyng, analyst the context society their individual and the reality of the public school nocturne,to comprise of the many lacks society elucidation and qualify like hungers.In the record of lives society,the actors outline other kinds of understand the world and the hunger,resigned a whole of information adequate at the that school reality.

Keys words: Meaning; Hunger; School food; Medium Teach.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo sobre a situação de fome do estudante noturno nas escolas públicas da cidade do Salvador, na Bahia, nos remete inicialmente à necessidade de trazer um breve conteúdo da formação social da escola no Brasil, em que o contexto de pobreza da cidade e da fome são produções do quadro da exclusão social, dentro e fora dos espaços da escola. A realidade brasileira é formada por estruturas e códigos indicativos de uma sociedade desigual nos campos sócio-econômico e político. E, são nessas estruturas que se encontram as escolas, onde o horário noturno marca de modo mais incisivo a situação do indivíduo pobre que quer estudar e luta com seu corpo e seu espírito contra a fome crônica, reveladora de diferenças extremas e de processos excludentes, na nossa sociedade conforme descrevemos.

A reflexão sobre a formação histórica da escola noturna no Brasil contribui para uma maior compreensão da realidade destes sujeitos, e nos mostra a completa carência de investimentos para um ensino de qualidade, sendo em geral, o último plano nas agendas do governo, conforme depoimentos dos alunos e professores entrevistados neste estudo. Sobretudo, o ensino noturno, sua origem e continuidade são marcados pela falta de prestígio e investimentos, e se configura ainda nos dias atuais como a única opção para os trabalhadores que desejam estudar. A respeito da formação desse ensino escrevemos a seguir.

1.1 Sobre a formação histórica da escola noturna no Brasil

A organização educacional no Brasil inicia com a chegada dos padres jesuítas, em 1549, o que não só marca o início da história da educação no país, como também inaugura a mais importante, sobretudo pelas conseqüências que resultaram para nossa cultura e civilização (Azevedo, 1996).

Ao escrever sobre as primeiras experiências de ensino no Brasil a partir do século XVI, Fernando de Azevedo (1996) destaca que logo ao desembarcarem em Salvador, os jesuítas assentaram os seus arraiais; fundaram as suas residências ou conventos, a que chamavam “colégios”; instalaram os seus centros de ação e

abastecimento, para a conquista e o domínio das almas e penetraram as aldeias dos índios. Assim, com o plano que traziam e a rapidez com que entravam em ação, fizeram funcionar, quinze dias após chegarem, uma escola de ler e escrever, enquanto se fundava a cidade de Salvador. A infra-estrutura econômica dessa época era agroexportadora e de monocultura latifundiária, onde as atividades produtivas exigiam um mínimo de qualificação e diversificação da força de trabalho, composta quase que exclusivamente de escravos trazidos da África. Assim, não havia nenhuma função de reprodução da força de trabalho a ser preenchida pela escola (Freitag, 1986).

O sistema educacional montado pelos Jesuítas cumpria com uma série de funções importantes para a coroa portuguesa (Estado), dentre elas a de reprodução das relações de dominação e a de reprodução da ideologia dominante, assegurando a reprodução da sociedade escravocrata. Os Jesuítas, além de prepararem os filhos da elite em futuros bacharéis em direito e medicina, tanto na Colônia como na Metrópole, forneciam os dirigentes da administração colonial local, formando ainda os futuros teólogos, reproduzindo os seus próprios quadros hierárquicos, bem como os educadores, recrutados quase que exclusivamente do seu meio. Com isso, a Igreja Católica penetrava também na própria sociedade política através da arma pacífica, que era a educação. Dessa forma, o sistema educacional dos Jesuítas cumpria bem o papel de divulgação e inculcação do cristianismo e da ideologia dos colonizadores, que consistia em tentar subjugar a população indígena e escrava (Freitag, 1986).

Os métodos educacionais dos Jesuítas funcionaram absolutos durante 210 anos (1549 -1759), quando uma nova ruptura marca essa parte da História da Educação no Brasil: a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal, iniciando assim período da Pedagogia Pombalina (1759 – 1827), que correspondeu aos primeiros ensaios para se instituir uma escola pública estatal (Saviani, *et al*, 2004).

As reformas desse período contrapõem-se ao predomínio das idéias religiosas e, com base nas idéias laicas inspiradas no Iluminismo, instituem o papel do Estado em matéria de instrução, surgindo, assim, a nossa versão da “educação pública estatal”. Nesse modelo, a responsabilidade do Estado se limitava ao pagamento do salário do professor e às diretrizes curriculares da matéria a ser ensinada, deixando a cargo do próprio professor a provisão das condições materiais relativas ao local, geralmente sua

própria casa, e à sua infra-estrutura, assim como os recursos pedagógicos a serem utilizados no desenvolvimento do ensino (Saviani, *et al*, 2004). É notável, que quesitos cruciais para o funcionamento efetivo do ensino público, não foram prioridades do Estado desde o início da sociedade brasileira. Todas as responsabilidades eram atribuídas aos professores.

Nos registros de Primitivo Moacyr (1936, 1939), encontram-se referências sobre as primeiras classes de ensino para adultos e adolescentes ao longo de toda legislação escolar do Império, das Províncias, e mais tarde dos Estados (Beisiegel, 1974; Togni, 2007). Registros de 1870-1880 relatam que esses cursos estavam relacionados aos adultos analfabetos, que não tinham acesso à escola em idade própria e nem a possibilidade de freqüentar aulas no período diurno, por estarem trabalhando (Togni, 2007; Carvalho, 1998).

O acesso à escola era, entretanto, o privilégio de uma minoria em geral branca e burguesa. A classe trabalhadora urbana e rural, analfabeta e faminta não tinha praticamente acesso à educação, a não serem os casos em uma fazenda ou nas cidades quando um professor voluntariamente abria espaços para alfabetização e recebiam por isso a pequena gratificação dos governos (Azevedo, 1996; Freitag, 1986; Freyre, 2006). Pode-se dizer que essas ações de educar o povo persistiu sobretudo nas cidades onde se concentraram ainda mais os interesses políticos e econômicos do país, como por exemplo em Salvador e Rio de Janeiro, em outras províncias a educação caminhava lenta ou inexistia (Vieira, 2003).

Em Salvador, e em outras capitais, as escolas públicas para adultos eram apenas noturnas, exceto na Casa de Prisão. Em 1876 existiam 26 escolas noturnas, onze criadas pelo governo e quinze por espontaneidade dos professores públicos primários, que recebiam pequena remuneração do governo. A avaliação sobre a escola noturna para adultos demonstrou na época, a dificuldade de manter a freqüência do aluno, em geral trabalhadores exaustos das tarefas do dia. Mesmo com a evasão, marcante já nesse período, a escola noturna continuava, mesmo que sem prestígio e investimentos. Os registros históricos mostram que, inicialmente, essa escola noturna era destinada a atender os estudos iniciais de jovens e adultos (Beisiegel, 1974).

A criação de cursos noturnos para atender à continuação de estudos é bem mais recente e obedece a uma conjuntura social muito diferente. A necessidade de mais escolaridade para o mercado de trabalho, faz com que o ensino noturno passe a atender também o ensino secundário.

A partir da Segunda Guerra Mundial, particularmente, a escola assumiu uma clara perspectiva integradora e a educação ficou associada ao desenvolvimento econômico, ao emprego, à mobilidade e à ascensão social (Carvalho,1998; Gentili, 1995).

Em relação a essas perspectivas sobre o ensino noturno, Vilma Abdalla (2004), supervisora escolar de São Paulo, realizou uma pesquisa que virou tese de mestrado e livro: *O que pensam os alunos sobre a escola noturna*, que nasceu da angústia da educadora em relação à crise dos colégios noturnos. Os estudantes revelam que o trabalho é algo importante e positivo em suas vidas, o que não quer dizer que estejam plenamente satisfeitos com o trabalho que desenvolvem, nem que não tenham outros planos para o futuro. Os estudantes entrevistados relatam que a única maneira de sair do subemprego é por meio da educação, mas que ao mesmo tempo convivem com uma educação deficitária que, não os prepara para coisa alguma, muito menos para o mercado de trabalho, vez que este exige “especialização” e “qualificação”.

Nesse contexto, existem determinantes estruturais, como as relações sociais de produção no quadro mundial da modernização neoliberal, competitiva e excludente, que justificam e alimentam a seletividade e a exclusão dos mais pobres do sistema escolar.

A não inserção desse indivíduo e da sua família nesse processo produtivo, resulta em dificuldades de acesso a uma alimentação adequada. Para tratar desse assunto, faz-se necessário trazer a fome, como uma demanda social dentro e fora dos espaços da escola, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, implantado em 1955, com o objetivo de atender às necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, cujas abordagens faremos a seguir.

1.2 A fome e a política pública de alimentação escolar

A abordagem das ciências da saúde, ao contemplarem apenas os aspectos fisiológicos, define fome como a necessidade visceral de ingerir alimentos, cuja

ausência desencadeia as sensações de dor e estômago vazio, tremores e tonturas, em qualquer indivíduo, independente do contexto social em que vive (Angelis, 2000; Freitas, 2003).

Como problema social, a fome é uma das manifestações mais nefastas da humanidade. Uma nação, não pode ser considerada civilizada, enquanto não é capaz de dar à sua população acesso a alimentos em quantidade e qualidade suficientes, pois trata-se da necessidade mais básica e elementar do ser humano. Por isso, prover uma alimentação de forma digna ao seu povo deve ser visto como o primeiro dos objetivos de um país (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Cada área profissional tende a olhar para a “fome” de modo particular. O profissional da saúde, trata como desnutrição e doença e propõe medidas de controle e tratamento compatíveis à sua constatação.

A questão da alimentação, da fome e da má desnutrição não pode ser olhada exclusivamente em sua dimensão econômica (acesso à renda), alimentar (disponibilidade de alimentos) ou biológica (estado nutricional). Uma abordagem adequada ao tema exige a incorporação do quadro de referência dos Direitos Humanos, que permite um olhar holístico a respeito desse fenômeno (Valente, 2003).

A fome, um dos tabus da nossa civilização, foi denunciada no Brasil pelo médico e geógrafo Josué de Castro (2008). Pela primeira vez na literatura, a fome foi apresentada como uma manifestação que assume diversas configurações e, sobretudo, um produto direto do subdesenvolvimento econômico e social.

Considerada como sua obra de maior repercussão, Geografia da Fome, enfrentou em 1946 o grande “tabu da fome”, como também denunciou a situação em que vivia a maioria da população do país. Foi um livro que provocou um choque na geração pós-guerra. Tratava-se de dar uma importância e uma atenção maior aos problemas sociais do Brasil, sendo a fome o mais absurdo e grave dentre eles (Nascimento, 2004).

Como médico e geógrafo, Josué retratou os traços mais marcantes do retrato da fome no Brasil, das cinco diferentes áreas que formavam o mosaico alimentar brasileiro, discutindo a necessidade inadiável de uma política alimentar mais efetiva, que não

fosse apenas de paliativos através de programas simplesmente assistencialistas (Castro, 2008).

Seus escritos são referências no que dizem respeito aos estudos sobre a fome, seja qual for o ponto de vista (econômico, geográfico, nutricional, sociológico, etc), sendo uma fonte de discussão para uma questão muito atual: a fome.

Após mais de cinquenta anos de seu lançamento, a situação de fome, bem como seus cenários de calamidade, descrita por Josué de Castro sofreram poucas alterações, somos ainda hoje um país de famintos, com dados estatísticos que variam, mas que sempre apontam para milhões de famintos no Brasil.

No Brasil, no campo da nutrição, a fome é quase sempre, estudada de forma apenas técnica e reducionista com os distúrbios, sem reconhecer questões que ultrapassam a falta de ingestão alimentar. Tudo o qual pode provocar fracassos nas políticas alimentares, uma vez que não conseguem penetrar nas dimensões simbólicas da fome.

Em relação a essa abordagem sócio-antropológica, Maria do Carmo de Freitas (2003), realizou um estudo etnográfico em um bairro popular de Salvador, durante oito meses. Nesse estudo, observou e descreveu o cotidiano dos moradores, e, em particular transcreveu com detalhes suas falas em seus contextos específicos. A abordagem fenomenológica contribuiu para mostrar a dimensão de fome ainda não descrita na literatura sobre o tema.

O processo interpretativo indica que a fome é expressa independente das necessidades nutricionais do organismo, pois o idioma através do qual falam os sentidos de uma fome a ameaçar a vida traz os signos mais profundos do eu, no mundo habitual, não reduzindo este fenômeno às relações funcionais do organismo.

Para os moradores do bairro, o interesse não está em mostrar a fome de modo consciente. A concepção clínica de um estar nutrido significa para estes sujeitos estar faminto em suas realidades, pois o alimento em suas mesas será sempre provisório (Freitas, 2002).

Outra abordagem a respeito da fome inicia com o lançamento em 2001 do Projeto Fome Zero pelo então Presidente da ONG Instituto Cidadania, Luiz Inácio Lula

da Silva, que em 2002 elegeu-se Presidente do Brasil e em 2003 colocou o programa como prioridade absoluta de seu governo.

Este projeto visou suprir uma lacuna importante na agenda política brasileira: a falta de uma política de segurança alimentar e nutricional que conseguisse coordenar e integrar as diversas ações nos estados, municípios e sociedade civil. O Direito à Alimentação, que está inserido no pacto internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, deve ser garantido pelo estado. O reconhecimento desse direito implica não apenas o acesso mas a qualidade e confiabilidade dos alimentos consumidos pela população (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Apesar de todos os avanços das discussões na sociedade moderna, pessoas ainda morrem de fome. Dados estatísticos publicados pela FAO apontaram que em 2008 mais de 40 milhões de pessoas no mundo foram atingidas pela fome. Com isso, o número total de famintos no mundo subiu de 963 milhões, comparado a 923 milhões em 2007 (FAO, 2008).

No Brasil, o modelo de desenvolvimento, por um lado, exclui cada vez mais pessoas do consumo e da modernidade, e do outro, faz com que as pessoas incluídas adotem, cada vez mais, o padrão de vidas das nações desenvolvidas, contribuindo para aumentar a distância entre ricos e pobres (INSTITUTO CIDADANIA, 2001). A fome no mundo existirá enquanto houver desigualdade social.

Na Bahia, dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) citam a Região Metropolitana de Salvador como maior em desigualdade de renda entre os Estados brasileiros. Um morador da área “nobre” da capital (trechos da península de Salvador voltados a mar aberto), por exemplo, recebe em média 25 vezes o que ganha um habitante da região mais pobre (PNDU, 2006).

Esse imenso abismo sócio se reflete também na educação. Enquanto que bairros nobres como o Caminho das Árvores – Iguatemi tem o segundo menor percentual de analfabetos da região metropolitana (0,47%), bairros da periferia como Coutos e Fazenda Coutos tem 12,95%. Quanto mais se avança no nível de escolaridade, maiores são as diferenças entre as Unidades de Desenvolvimento Humano (PNDU, 2006).

Para milhões de pessoas nos países em desenvolvimento, ter o alimento mínimo todos os dias para uma vida ativa e saudável ainda é um sonho distante. As causas estruturais da fome, como a falta de acesso a terra, crédito e emprego, combinados com os altos preços dos alimentos continuam sendo uma dura realidade (FAO, 2008). As pessoas excluídas passam a depender, cada vez mais, das “políticas paliativas” e de “programas simplesmente assistencialistas”, conforme critica Josué de Castro em sua *Geografia da Fome*.

No que diz respeito às políticas de alimentação no país, merece destaque o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, implementado em 1955. O PNAE não é um programa assistencialista, uma vez que a alimentação é um direito humano garantido pela Constituição Federal, faz questão de afirmar Albaneide Peixinho coordenadora - geral do PNAE. Apesar de ter sido popularizada com o nome de "merenda", que considera "lanche rápido", o programa é muito mais ambicioso, pois se propõe a oferecer alimentação saudável, aliado ao acompanhamento nutricional dos alunos.

Dentre seus objetivos, destaca-se suprir parcialmente as necessidades nutricionais dos alunos beneficiários, por meio do oferecimento de, no mínimo, uma refeição diária adequada; melhorar a capacidade no processo ensino-aprendizagem; formar bons hábitos alimentares; fazer educação alimentar e evitar a evasão e repetência escolar (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Oficialmente, até o presente momento, o aluno do ensino médio não é atendido pelo PNAE, diante disso é o único responsável por sua alimentação durante a permanência na escola. Para o aluno noturno, arcar com essa despesa significa comprometer uma grande parcela do seu salário.

Esse enfretamento da fome no cotidiano escolar compõe uma espécie de insegurança alimentar, e reflete a situação vivenciada por muitos alunos do ensino médio noturno. Revela-se então, o quanto “esse drama é universal, não restrito a um fenômeno local”, como observou Josué de Castro (1983) “ao sair pelo mundo vendo outras paisagens”. Aqui também, na cena cotidiana da escola noturna, os estudantes trabalhadores vivenciam a fome cercados pelos muros da escola.

A escola do estudo bem como os seus estudantes são caracterizados para compreensão da situação de fome que envolve o universo particular do grupo em estudo.

1.3 Caracterização da escola e dos sujeitos do estudo

O Centro Histórico de Salvador é uma região representada por um território de serviços para os trabalhadores menos remunerados. Dentre seus bairros, o Largo Dois de Julho, onde está situada a escola do estudo, é caracterizado como um bairro residencial, com intenso comércio varejista de preços acessíveis, serviços de saúde público e privado e escolas. Nas imediações do bairro, há confluência de transportes coletivos para toda a cidade, desde os bairros considerados nobres até a periferia e região metropolitana, onde reside a maioria dos indivíduos das camadas populares.

O centro histórico foi principal zona comercial da cidade do Salvador até os anos de 1970 quando os setores administrativos do governo migraram para a área norte, equidistante aproximadamente a 25 quilômetros. Com isso ocorreu degradação desta região central em que se misturam camadas sociais médias e populares. O bairro do Dois de Julho, situado na parte alta da cidade do Salvador, está debruçado sobre a Baía de Todos os Santos.

No século XIX, o bairro abrigava predominantemente uma população burguesa e permeada de intelectuais, a exemplo do poeta Castro Alves. Hoje, o bairro possui características de bairro de passagem, devido ao grande número de hotéis, que também funcionam como motéis, alugueis de quartos, vagas e *Kit nets* para trabalhadores e estudantes, que se mistura às construções com características arquitetônicas que remontam ao final do século XVIII. Nesses casarões antigos e deteriorados estão acolhidos os pobres e nos edifícios com arquitetura mais moderna, os indivíduos da classe média. Recentemente o bairro passou por um processo de revitalização, mantendo o Museu de Arte Sacra, como um dos mais importantes monumentos da América Latina.

A casa de número 50 da Ladeira do Sodré, onde funciona hoje o Colégio Ypiranga, viveu e morreu o poeta Castro Alves no século XIX. Neste prédio funcionou a

primeira sede do Colégio Antônio Vieira, administrado por Jesuítas; depois, o Ginásio Ypiranga, um colégio privado e em março de 1992 foi restaurado pelo governo e tornou-se uma escola pública com cursos de formação técnica, sendo uma das referências do curso em Contabilidade da Bahia, até o ano de 1996, quando os cursos técnicos deram lugar ao curso de formação geral.

As escolas públicas mais antigas estão situadas no Centro Histórico de Salvador, sendo o Colégio Estadual Ypiranga um dos maiores e “mais tradicionais”, funciona nos três turnos com capacidade total para cerca de 1.550 alunos.

Na Bahia existem 1.640 escolas estaduais, apenas em Salvador e Região Metropolitana há um total de 301 (18,4%).

O número de estudantes matriculados em escolas em Salvador caiu 22,0% de 2005 para 2006, segundo dados do Censo Escolar, solicitados à Secretaria de Educação da Bahia.

Tabela 1: Número de alunos matriculados em Salvador por Nível, Instituição e turno.

	Alunos matriculados por ano	
	2005	2006
Total em Salvador	742.063	720.872
Total no ensino médio	160.390	149.539
Total no ensino médio estadual	136.387	126.156
Total no ensino médio estadual noturno	59.333	56.542

Fonte: Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Esses dados, além de mostrar o número elevado de estudantes que procuram pela escola estadual, apesar do decréscimo de matriculados de 2005 para 2006, mostram a demanda expressiva para o período noturno.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar percepções e significados da fome expressos por estudantes trabalhadores do ensino médio de escolas públicas noturnas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o conjunto de significantes das redações desses estudantes, sobre a temática da fome enquanto um produto social e fisiológico;
- Interpretar as várias dimensões da noção de fome no contexto social e específico de cada estudante.
- Apontar a abrangência da política pública de Alimentação Escolar para os estudantes trabalhadores do período noturno.

3. PERGUNTAS DA INVESTIGAÇÃO

- Qual a aceção de fome para o estudante do ensino médio noturno?
- Como o estudante interpreta suas faltas sociais enquanto aluno da escola pública de ensino?
- Como o estudante interpreta seu cotidiano na dupla jornada de trabalho e estudo noturno?
- Como se dá o enfrentamento físico da necessidade de estudar após uma jornada de oito ou mais horas de trabalho por dia?

4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO - METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que vincula-se ao projeto intitulado “Significados da Alimentação escolar: um estudo qualitativo no cotidiano da escola”, cujo objetivo é compreender os significados da alimentação escolar por atores sociais que a vivenciam no cotidiano das escolas públicas em Salvador e em áreas circunvizinhas.

O presente estudo foi realizado no Colégio Estadual Ypiranga, localizado no Centro histórico de Salvador, com estudantes do ensino médio matriculados no período noturno e seguiu dois momentos:

1) Pesquisa documental sobre a formação histórica do sistema educacional noturno no Brasil, com pesquisa em acervos de bibliotecas públicas, privadas e arquivos públicos da Bahia.

Aqui é importante ressaltar as dificuldades para a reconstrução dessa história, principalmente no que tange uma abordagem crítica sobre os fatos. Os autores inicialmente pesquisados, contemplam uma abordagem romantizada sobre o ensino confessional, que não condiz com as repercussões históricas do ensino público da atualidade. Traçar esse paralelo, com registros fundamentados pela literatura, exigiu muitas idas e vindas aos acervos, e o conhecimento limitado da pesquisadora sobre a literatura em questão, contribuiu para que a discussão fosse construída e reconstruída por diversas vezes

2) Após compreensão sobre a formação da escola pública brasileira, deu-se início à inserção em campo, em outubro de 2008. O contato inicial ocorreu com os gestores, supervisores e professores, a fim de obtermos informações sobre o funcionamento da escola, como também deixá-los cientes sobre o estudo e a minha presença na instituição.

O estudo em campo ocorreu de 14 de outubro a 10 de dezembro de 2008, em dias consecutivos, de segunda a sexta-feira durante os dois meses. Após esse período as visitas ocorreram conforme a necessidade de registro fotográfico e esclarecimento

de dúvidas. O horário de chegada na escola era às 18:00 horas, para acompanhamento da chegada dos alunos.

Nas primeiras duas semanas de trabalhos de campo, as atividades se concentraram na observação participante. A utilização dessa técnica na pesquisa qualitativa significa “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto com o objetivo de descrevê-lo (Víctora, 2000). Assim, as caminhadas pela escola durante nesse período, permitiram o registro na memória e em diário de campo, dos signos, palavras e ações que chamavam a atenção e formavam o ambiente em estudo.

Ainda durante a observação, foram identificados alguns informantes-chaves, e os horários que os professores poderiam disponibilizar para futuro contato em sala de aula. Alguns diálogos com alunos ocorridos nesse período se deram informalmente, com o objetivo de interagir com os mesmos, como também informá-los sobre a minha presença no local, pois os questionamentos eram muitos e a neutralidade nem sempre era possível. A imagem do investigador como alguém com a capacidade de observar tudo sem ser observado e sem influenciar o ambiente onde se encontra é praticamente impossível na pesquisa qualitativa (Minayo, 1996; Víctora, 2000).

A partir da terceira semana, iniciamos as atividades em sala de aula, em quatro turmas do ensino médio regular. Após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, era solicitada a elaboração de um texto narrativo sobre o tema “Você tem fome de quê?” Essa atividade ocorreu ao som da Música Comida, da banda Titãs, estratégia que descontraíu os estudantes e motivou a escrita (Bauer, 2002; Souza, 2006).

As vinte e seis narrativas escritas trouxeram significantes diversos com os quais foi possível cruzar com as informações durante as entrevistas, realizadas com oito estudantes. Nem todos os estudantes que fizeram as narrativas escritas foram entrevistados.

As entrevistas foram realizadas com indivíduos de ambos os sexos, trabalhadores e matriculados no ensino médio regular, cujas identidades foram preservadas, substituindo-se por nomes fictícios.

O contato em sala de aula bem como as primeiras impressões a respeito do tema, permitiu maior aproximação e entrosamento com os estudantes, questão fundamental para a realização da entrevista em profundidade, que seguiu um roteiro para orientação.

Desse modo, descortinaram-se valores sobre o comer na escola. A análise das narrativas tomou como critérios a seleção de significantes expressos nas falas dos sujeitos investigados. Para alguns autores os significantes ou termos e expressões chaves são as enunciações mais significativas do problema (Geertz, 1989; Barthes, 1997). Nesse sentido, foi importante valorizar o contexto específico da fala, registrar os fragmentos da história de vida, os sinais relacionados à alimentação interpretadas pelos sujeitos implicados nestes contextos analisados.

5. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

5.1 A escola pública, sob a visão de seus alunos.

Estamos necessitando com urgência de melhoria no ensino público, pois a situação está em estado de calamidade, principalmente para nós do noturno, que chegamos cansados do trabalho direto para a escola e na maioria das vezes nem tem aula. Precisamos de aulas diferentes, como informática, laboratório, inglês mais aprofundado [...] aulas de redação (Raquel, 20 anos, 3º ano).

Pouco valorizado no processo educacional brasileiro, o estudante da escola pública geralmente é proveniente das camadas sociais mais carentes. O ensino público para esse grupo torna-se então uma das poucas opções de qualificação para o mercado de trabalho cada vez mais competitivo e excludente.

Já inserido no mercado, em vagas que não atendem aos seus anseios socioeconômicos, o “estar na escola” significa a possibilidade de qualificação para melhor competir e se inserir em empregos com melhores garantias e remuneração, sem que para isso, seja preciso investir em cursos profissionalizantes pagos e geralmente de custo elevado.

Conforme a narrativa, conhecimentos em informática, boa compreensão da língua inglesa, habilidade para escrever bem e expor as idéias de forma clara, são algumas das exigências mínimas para um bom currículo profissional atento às tendências mercadológicas. Não ser capaz de atender ao que esse mercado exige, significa de imediato a inaptidão para sobreviver no mundo globalizado e em uma sociedade capitalista como a nossa.

Nesse sentido, os estudantes entrevistados compõem suas histórias de vida, denunciando algo como um círculo vicioso, onde as situações se repetem e voltam sempre ao ponto de origem sem sofrer modificações, como descrevemos as seguir:

A partir das primeiras narrativas e conversas informais, os estudantes relatam sempre que estudar à noite é a única opção para quem quer obter um bom emprego, melhorar de vida ou ingressar na faculdade. Deixam claro que só estão aqui, nesse horário, por que precisam trabalhar de dia, pois se pudessem não estavam. Os trabalhos que desempenham ao longo do dia são geralmente precários, pois pedem pouca qualificação, pagam mal e exigem desempenho físico exaustivo. Após essa jornada de trabalho, seguem direto aqui para a escola, e essa chegada é marcada por um enfrentamento de corpo e alma contra o cansaço, o sono e a fome. Transpor essas dificuldades e não ter aulas como presenciei durante todas essas semanas, traz desânimo, vontade de desistir e abandonar tudo, é por isso que essas salas estão vazias. Ano que vem eles se matriculam novamente e começam tudo de novo (Diário de Campo, 21 de outubro de 2008).

Essas reflexões, registradas em diário de campo, ocorreram nas primeiras semanas da inserção em campo, ao longo de sucessivos feriados, pontos facultativos e ausência de professores. Essas análises em consonância ao discurso dos estudantes, sobre a “falta de aulas” e a “urgente necessidade de aulas diferentes”, evidenciam a fragilidade desse ensino público e noturno, que perdura desde a sua formação histórica até os dias atuais.

Ainda sobre as impressões relacionadas à qualidade do ensino público os estudantes dizem:

“A falta de uma escola de qualidade, impede que o aluno se interesse pelo seu futuro e o que deveria fazer dele” (Sara, 19 anos, 1º ano).

“Como vamos fazer um vestibular, concorrer com pessoas que estudam em colégios particulares e passar em uma redação, por exemplo, se não temos aula de redação? (Maria, 20 anos, 3º ano).

Paulo Freire (2001), ao fazer uma reflexão sobre o papel da escola pública, critica o fracasso escolar, como algo imputado apenas aos educandos. Para ele, as escolas expulsam muito mais do que se evadem dela. Em um determinado momento o educando descobre – e descobre sofredamente – que a escola não bate com as suas dúvidas, que a escola não corresponde às suas ansiedades. E, tanto quanto ele possa, deixa a escola. No fundo a escola não se tornou capaz de evitar que o educando não encontrasse nada, nenhum sentido nela.

Aos educandos que persistem dentro desse sistema, a aprovação vem como uma espécie de prêmio, muitas vezes imputada para compor resultados de estatísticas de desempenho escolar, que vêm sendo alardeados pelos governos como grandes vitórias. Todavia, o estudante desse sistema escolar sai ao final, ainda mais pobre, carente, não qualificado, nem antenado com o mundo.

Ainda assim, esse ensino constitui-se como a “única opção” para muitos:

Eu estudo a noite por ser a única opção. No meu caso, eu tenho 20 anos, se eu parar de estudar no terceiro ano vai me atrasar muito. É aquela coisa, se realmente eu quero um emprego melhor, eu tenho que estudar mais. Então esse estudo de noite é a única opção para a gente fazer uma faculdade mais tarde, da gente ter um trabalho melhor (Maria, 20 anos, 3º ano).

5.2 Sobre o vazio da sala de aula

Na minha sala só tem três alunos, então os professores ficam até sem ânimo para dar aula. Tem professor que chega e fala que não vai dar aula porque não tem alunos. Então, ele quer dizer o quê? Que nós três, que estamos na sala somos cachorros? Só porque ele está vendo três alunos ele abre a

boca e diz que não vai dar aula porque não tem alunos na sala? Eu mesmo, sinceramente, fico revoltada com isso. Hoje por exemplo, já são quase oito horas (20:00 horas) e nada de professor. Então é por isso que eu falo que não vale à pena (Sara, 19 anos, 1º ano)

Em um estudo sobre a evasão escolar, Lolis e Lima (2000) conceitua esse problema como o afastamento do aluno da escola. De modo geral, esse desvio se dá por vários motivos, tais como: situação econômica da família; falta de vagas nas escolas; distância da escola; problema de relacionamento entre professor e aluno; gravidez precoce; falta de interesse e de incentivo dos pais e da própria escola, entre outros.

A evasão ocorre com mais frequência no período noturno, onde se concentra o maior número de indivíduos trabalhadores de tempo integral, onde os indivíduos se vêem obrigados a deixar a escola ainda crianças para ajudar na renda familiar. Como lhes falta a cobrança dos pais em relação ao estudo e até a necessidade de uma maior motivação, esses alunos acabam por apresentar um baixo rendimento e, futuramente a evasão escolar (Lolis e Lima, 2000).

Conforme esse estudo, a evasão escolar como consequência da necessidade de aumento da renda familiar tem seus maiores índices nos meses que antecedem o Natal, pois a oferta de trabalho temporário nesta época do ano é muito grande.

Essa situação foi percebida no colégio em estudo, o mês de outubro foi marcado pelo abandono de muitos alunos, devido ao aumento de atividades em seus trabalhos, como também por conta das oportunidades de empregos temporários.

Não foi possível obter do Colégio Ypiranga, o número oficial de alunos que ainda freqüentavam. Na secretaria da escola só foi possível obter o número total de matriculados em 2008, que foram 1.546 alunos, distribuídos em 636 (41,2%) no período matutino, 438 (28,3%) no vespertino e 472 (30,5%) no período noturno. Apesar das dificuldades de registros oficiais sobre a evasão, o reduzido número de alunos vistos nas salas, mostravam a discrepância entre o número oficial de matriculados e o número de alunos que ainda freqüentavam a escola à noite, apesar desse turno contemplar o segundo maior número de matriculados.

Nos depoimentos dos alunos e professores, foram citados por diversas vezes que dos trinta a quarenta colegas que começaram o ano, apenas dez ou menos ainda freqüentavam a escola.

Os dois problemas mais sérios da escola pública são a evasão da escola e o absenteísmo em sala de aula, visto que muitos alunos freqüentam a escola, mas se ausentam das salas. Tal fato pôde ser facilmente constatado a partir de observações do pátio, que nunca estava vazio, sempre havia um grupo de alunos no local, devido à falta de algum professor, ou simplesmente porque a “aula era chata”, conforme relatos de alguns.

Nesse sentido, a narrativa da estudante Sara, que descreve a situação de sua turma, freqüentada apenas por três alunos, revela a situação caótica em que se encontra a escola pública noturna diante da evasão. Apesar de ser algo notório, o professor ainda encontra-se despreparado para lidar com essa realidade, tomando atitudes que muitas vezes estimula o abandono dos que ainda a freqüentam.

Assim, “ser tratado como cachorro”, significa ser vítima do desprezo, desamparo e abandono. É ser insignificante a tal ponto, que não é visto nem notado, o indivíduo passa a carregar as mesmas características de algo sem valor e sem importância.

Na oportunidade dessas análises, a fome é re-significada como um desejo profundo por justiça social, atenção e respeito, onde o estudante precisa mais do que uma alimentação que combata a fome biológica. Precisa de valorização social, reconhecimento de seu valor enquanto ser humano e indivíduo trabalhador que estuda a noite.

A partir das narrativas, podemos compreender que o sentimento de fazer “valer a pena”, seria experimentando simplesmente pela presença de um professor em sala de aula, ministrando boas aulas e sensível ao seu aluno que luta com o corpo para estarem na escola naquele momento. Porém, a desmotivação dos professores causada pelos baixos salários, péssimas condições de trabalho e despreparo profissional, são alguns dos fatores para a má qualidade do cuidado que dispensam aos seus alunos.

5.3 A junção das turmas

Professores e alunos do noturno chegam comumente atrasados e normalmente saem mais cedo devido ao horário de ônibus e medo da violência. Assim, os alunos de turmas diferentes são agrupados pelos professores em uma mesma sala, com o objetivo de liberar os alunos mais cedo, como também se liberarem.

Com o número reduzido de alunos, nós professores precisamos criar algumas estratégias para motivar a aula, por isso fazemos a junção das turmas. Duas aulas que seriam ministradas em turmas separadas em dois horários diferentes torna-se apenas uma, nos primeiros horários (Daniela, professora).

Apesar de permitir a saída antecipada da escola, essa alternativa nem sempre é bem aceita pelos estudantes, pois a presença de outros colegas na sala, geralmente é visto como algo estranho, como intrusos e “antipáticos”, por saberem mais ou menos sobre os conteúdos ministrados nas aulas, o que gera muitos conflitos.

Ao questionar sobre as razões, pelas quais a junção não ocorre no primeiro semestre, logo ao detectarem o número de evadidos, percebi o quanto algumas questões são complexas e profundas no ensino noturno, conforme o relato da professora:

A junção de turmas, feita por nós professores, não pode ser “oficial”, ou seja, com o conhecimento da Secretaria de Educação. A junção oficializada, significa redução da carga horária de trabalho e conseqüente deslocamento de profissionais para outras escolas. Esse deslocamento é bastante temido, pois ninguém quer sair daqui do Centro da cidade para ir dar aula na periferia, ou em outros locais distantes e perigosos (Daniela, professora)

Diante dessa situação, onde o professor também é vítima, o ideal é permanecer como seres adaptados dentro de um modelo que funciona muito bem na ilegalidade. As

turmas vazias, os alunos desmotivados e a falta de “algazarra” de uma turma cheia, são pequenos detalhes diante de uma problemática maior, como é o caso da extinção de algumas turmas. Assim, turmas como a de André e Sara permanecerão com dois ou três alunos e o professor continuará cumprindo sua carga horária.

Durante o estudo, presenciei essas aulas algumas vezes. Um dia em que estavam os três alunos, a aula ocorreu na mesa do refeitório com o professor de história; Um outro dia, estava apenas André, assistindo a aula do professor de física, que registrava na lousa vários gráficos e números, enquanto André sozinho anotava tudo em seu caderno. Nas observações realizadas nessa turma, um dia me chamou bastante a atenção, foi quando avistei Sara sozinha na sala de aula, o fato será descrito conforme anotações em diário de campo:

Hoje uma cena me marcou muito. Ao passar pela sala de Sara a vi sozinha, sentada no fundo escrevendo. Eram aproximadamente vinte horas e trinta minutos. Ao perguntar sobre o que ela fazia ali, respondeu que aguardava pela aula de Educação Ambiental no último horário, às vinte e uma e trinta. Sem entender ainda a atitude incomum, continuei questionado os motivos pelos quais ficava ali esperando pela aula, e ela explicou o quanto gostava da matéria e que a professora estava na escola. Pedi então permissão para fazer o registro fotográfico desse momento (Diário de Campo, 11 de novembro de 2008).

Nesse mesmo dia, após alguns minutos, enquanto eu estava no pátio, Sara passou por mim e foi embora, dizia que a professora havia passado uma atividade para casa.

5.4 O estudante noturno e suas fomes

Quando se fala em ensino público noturno, é comum tratá-lo como problema, fonte de insatisfação, que necessita de solução. Ou, então, como fato "natural", sem

saída e sem perspectivas de mudanças, destinado aos pobres que já passaram da época de estudar, e que ficarão satisfeitos com “qualquer tipo” de ensino.

O estudo à noite é marcado por suas precariedades, tais como, a falta de ensino, o tempo das aulas, a falta dos alunos, e por que não, dos professores (André, 14 anos, 1º ano).

O mergulho nesse contexto, revela o quanto o estudante noturno encontra-se insatisfeito com esse modelo de educação. A fome é pela urgente necessidade de falar sobre uma realidade impossível de ser ocultada.

Nós alunos da noite, sentimos “fome”, não só disso (alimento), sentimos “fome” também de vontade para estudar, pois há uma carência de algazarra, turmas cheias, pois sem isso não há ensino, pelo menos pra mim. Há “fome” também de participação ativa dos professores, de livros e de literatura. Digo que sentimos fome de tantas coisas que dá para “ouvir o ronco das nossas barrigas a quilômetros” (André, 14 anos, 1º ano).

Os significantes da fome são representações dos elementos que compõem o contexto da escola. A falta da aula, do professor, do livro, do colega, deixa uma lacuna na formação, como o vazio que a ausência do alimento faz na “barriga”. Como um corpo mal alimentado, sem forças para sobreviver no mundo, a má formação escolar não sobrevive na sociedade capitalista e competitiva.

A algazarra, significa movimento, ebulição, tumulto caloroso, e o número de alunos na classe, que vai diminuindo ao longo do ano, significa uma condição para o desânimo e desmotivação, conforme vários relatos. Nesse contexto, é preciso ter “fome de vontade para estudar”, como uma força de vontade inabalável, persistente e destemida, incapaz de desistir, mesmo deparando-se com os obstáculos diários, o cansaço, o sono e a fome, uma força que seja capaz de fazer seguir em frente e concretizar os sonhos.

Eu tenho fome de cultura na escola, fome de curtir a vida, coisa que não tenho tempo. Vontade de ter muito dinheiro, sem dinheiro tenho fome, tenho sede, solidão, infelicidade. Eu tenho fome de ser feliz, fome de alegria, tenho fome de sono e descanso, faz tempo que não durmo direito, porque estudo e trabalho. Preciso trabalhar para pagar as contas, para não morrer de fome. Eu tenho fome de tudo (Jaqueline, 19 anos, 2º ano).

A maioria das escolas deixa muito a desejar no que diz respeito ao seu compromisso com a formação integral de jovens e adultos, no entanto, a escola pública que está aí e que está sendo oferecida, bem ou mal, é sempre vista a partir de uma perspectiva positiva e de primordial importância, principalmente, por parte das camadas menos privilegiadas da população (Franco e Novaes, 2001).

A “fome de cultura” significa a necessidade de um ensino articulado à vida cotidiana, que promova a formação de um cidadão consciente, historicamente situado e conectado com a produção científica e cultural mais recente. A escola, como um espaço privilegiado para formação, deve contemplar atividades culturais que envolvam o educando.

O desempenho do aluno em seu cotidiano de trabalhador exige e determina responsabilidade, que de modo geral não o permite cumprir tarefas escolares. O período das aulas é o único tempo, que o aluno dispõe para estudar e aprender. Não tem como voltar em outra hora nem encontrar outro momento além do reservado para a escola (Carvalho, 1998).

A vida cotidiana é marcada então, por uma série de tarefas não vistas como prazerosas. De dia o trabalho, como uma obrigação social que garante a sobrevivência. De noite, o estudo como uma “chata” e necessária obrigação, que priva das festas, badalações e saídas com os amigos. Assim, trabalhar e estudar à noite significa não ter tempo para “curtir a vida” e essa falta gera uma fome de alegria e de ser feliz.

A minha fome também é de um dia entrar na faculdade, por isso que trabalho para me manter e estudo para um dia chegar onde eu quero ter uma vida melhor, um trabalho

melhor. Às vezes não tenho tempo nem de estudar, fazer pesquisas, mas a necessidade de vencer na vida é maior, por isso a gente luta, e tenho fé que um dia vou conseguir (Malu, 19 anos, 2º ano).

Um estudo realizado por Franco e Novaes, em 2001, sobre os jovens do ensino médio, mostrou que os estudantes trabalhadores, que estão no período noturno, desenvolvem a representação de que a escola está diretamente relacionada à possibilidade de “ascensão social”, “ser alguém na vida”, “ter um futuro melhor”.

Essas concepções estão presentes nos discursos sobre fome dos estudantes do Colégio Ypiranga. Em seus relatos, expressam que depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um *status* social mais reconhecido e empregos mais qualificados.

Alcançar esses objetivos, não é só ter esperança, acreditar ou de alguma forma esperar que algo aconteça, é preciso lutar contra todas as fomes do corpo e da alma, e acreditar que tudo será melhor, como uma certeza absoluta.

5.5 A comida que mata a fome fora dos muros da escola

Diante de tantas faltas sociais que enfrentam o estudante noturno, ao serem questionados sobre a fome, é possível ouvir muito mais que o relato de uma fome biológica, aquela que faz a “barriga doer” e soar um “ronco do estômago”. Essa dimensão física de fome ganha outros significados menos constrangedores, já que o ter fome e não ter dinheiro para comer é humilhante e dá vergonha.

A fome que os acompanham no espaço temporal do trabalho à escola, é a fome que corrói o corpo e será “tapeada”, “enganada” pelo que for possível consumir, segundo as narrativas.

As possibilidades mais acessíveis não são muitas, indo desde o amendoim torrado, churrasco de carne em espetinho, milho verde cozido ou assado comprados nas imediações da escola, até a possibilidade mais disputada, a “sobra” da merenda da

tarde, é encontrada na cozinha da escola apenas pelos poucos que conseguem chegar antes das dezenove horas.

Dentro das alternativas alimentares para aqueles que têm condições de comprar, estão a cantina no interior da escola e os alimentos comercializados por uma mulher, do lado de fora da escola.

A cantina foi alugada a menos de um ano por uma senhora, que por trabalhar com eventos nunca está no local, deixando-o sob os cuidados de um sobrinho. Durante o estudo, a encontrei fechada várias vezes e quando estava aberta, encerrava o expediente antes das vinte e uma horas devido ao “movimento fraco” ou por conta da “sobra” dos alimentos servidos pela escola à tarde, conforme relato do funcionário.

Na cantina, os alimentos mais comercializados à noite é o *hamburger* com refresco de 200 ml, que custa R\$ 1,70. Durante o estudo vi apenas dois estudantes consumindo esses alimentos. “Os alunos da noite, apesar de trabalharem, preferem comprar o “lanche” do lado de fora, acho que é porque acham caro ou porque oferecemos poucas opções”, relata o funcionário da cantina. Nesse dia, por exemplo, foi fechada antes das vinte horas, porque o feijão tropeiro servido pela escola à tarde havia sobrado.

Os alimentos vendidos do lado de fora da escola, é elaborado e comercializado por uma ex-aluna, Joelma, que abandonou os estudos para dedicar-se exclusivamente à essa atividade. Mencionada por vários professores como “a aluna que abandonou os estudos para vender comida na porta da escola”, a mesma segue amenizando a fome dos colegas, enquanto garante a renda que mata sua fome e a fome de seus filhos.

Sobre o seu trabalho, ela relata que começou fazendo alguns salgados como: Coxinha de frango, Bauru de queijo e presunto, Enrolado de salsicha que antes eram vendidos no interior da sala de aula. Com o tempo, “como todo mundo” chegava com fome, começou a produzir mais e vender no pátio da escola, pois nessa época a cantina não estava alugada. “Era briga na escola por causa do meu lanche, até professor saia da sala dele para comer”, relata Joelma. Depois de um tempo, a cantina foi alugada e a diretora não permitiu mais a comercialização dos seus quitutes no interior da escola, a partir de então, passou a vender do lado de fora, em frente ao colégio, na soleira da porta de um casarão.

A crescente procura da comunidade escolar pelos seus produtos, como também encomendas de estabelecimentos comerciais, impediram que Joelma conciliasse seu trabalho com os estudos:

No início, até dava pra eu assistir aula, chegava dezoito e trinta e vendia até dezenove horas. Mas depois comecei a fornecer também para uma lanchonete no Pelourinho [...] Quando saía da escola, chegava em casa umas vinte e duas horas, muito cansada para ter que fazer para o outro dia cem salgados. Eu tinha que ficar acordada até umas vinte e três horas pra abrir a massa do pão. Assim, eu ia dormir que horas? Ainda tinha que fazer o suco [...] Eu vou ficar acordada até tarde na casa dos outros? Fazer “zuada” para os outros acordarem? Eu não! Moro com a minha sogra, meu marido trabalha de manhã cedo [...] não deu, eu tive que deixar a escola (Joelma)

Vários elementos são citados por Joelma para justificar o seu abandono à escola quando cursava o 3º ano supletivo. A sua atividade remunerada, que garante sua própria sobrevivência e a dos seus três filhos, não pôde ser conciliada com os estudos, pois a sua fome e a dos seus colegas, não dá trégua, precisa ser combatida todos os dias.

Hoje eu trouxe vinte salgados. Em vinte minutos vendi tudo!! É sempre assim! Hoje eu trouxe refrigerante, mas na maioria dos dias é suco. O salgado com o suco ou refrigerante custa R\$ 1,00. Eles (os alunos) gostam mais do suco de maracujá que eu faço. Eles dizem que é para acalmar, que chegam do trabalho estressados e que é para não se estressarem no colégio (Joelma).

Uma peça de salgado com suco ou refrigerante vendidos por Joelma, custa R\$ 0,70 a menos que a opção mais barata vendida pela cantina. Isso, além de representar uma economia no final do mês, mantém uma relação particular entre Joelma e os estudantes, pois não só sacia a fome, como também alivia as tensões diárias, quando compõe o suco de maracujá, “feito da própria fruta” como enfatiza a vendedora. Essa relação de cuidado, entre ela e os colegas, é visivelmente percebida durante o

consumo, quando os estudantes se aglomeram à sua volta e solicitam seu atendimento, é uma verdadeira “algazarra”.

Muito conhecida e querida pelos colegas, Joelma atende com entusiasmo e animação todos os estudantes que procuram pelos seus produtos. Com alguns colegas, considerados por ela como “clientes certos”, tanto no consumo como no pagamento, há uma “relação de fidelidade”, onde alguns salgados são escondidos dentro da enorme vasilha por baixo de outros salgados e entregues aos clientes com exclusividade, quando chegam atrasados.

A venda dos produtos para pagamento posterior, ou seja, “fiado”, na linguagem popular, é uma prática muito comum, o pagamento acumulado é efetuado quinzenalmente ou mensalmente, e constitui também um privilégio exclusivo dos clientes fieis. “Alguns chegam para mim e dizem que não têm dinheiro hoje, pedem para eu vender fiado; eu vendo, eu só não posso é deixar de vender”, relata Joelma. Sobre essa relação comercial seguem relatos de alguns estudantes:

Eu como de quatro a cinco peças (salgados) por dia. Pago por mês porque não tenho dinheiro todo dia. Então, no final do mês deixo quase todo o meu salário aqui (Sílvio, 18 anos, 2º ano).

Como vivo de “bico” nem sempre tenho dinheiro. Então, vou juntando e acabo deixando aqui uns R\$ 30,00 R\$ 40,00 no final do mês. Se todo esse dinheiro que eu gasto com merenda eu gastasse com a xerox das apostilas eu tava passado de ano. Mas tenho que comer, não é? “Saco vazio não segura em pé” (João, 17 anos, 1º ano).

Nesse sentido, o comer custa caro e sacrifica uma parcela do salário que deveria ser investido em outras necessidades, como materiais de estudos, por exemplo. E a sensação de dever cumprido com o corpo e com suas necessidades fisiológicas, justifica o gasto financeiro. Em ambos os casos, houve uma perda no estudo para combater a fome.

A dona da cantina sente-se prejudicada e se queixa por pagar o aluguel do estabelecimento e a direção nada fazer sobre a venda do lanche do outro lado da rua. E enquanto fecha suas portas mais cedo, por não conseguir concorrer com o lanche nem com a “sobra” servida esporadicamente, o lanche de Joelma é consumido independentemente do que o aluno possa encontrar, conforme relato:

Quando ainda tem merenda lá dentro (da escola), a maioria vai lá, come e volta aqui e come meu lanche também. Ontem mesmo lá dentro tinha sobrado feijão tropeiro, aí aquele menino (João) que falou com você, foi lá, comeu feijão tropeiro, voltou aqui e comeu pastel com guaraná. Acho que a quantidade da comida que tinha lá, não encheu a barriga dele. Mas é assim, tem gente aqui que come cinco lanches por dia, ele mesmo, come cinco salgados se deixar (Joelma)

Esse relato, retrata a situação dos estudantes que chegam antes das dezenove horas, que segue direto para o refeitório da escola na esperança de encontrar “alguma coisa para comer”. Muitas vezes não encontra nada, outras vezes encontram um mingau, porém a quantidade é sempre reduzida, e não “enche a barriga” como também não consegue evitar a compra e o aumento da dívida com Joelma.

5.6 A fome que morre no corpo

Tem trabalhos que às vezes não dá tempo nem da pessoa almoçar. No meu caso, lá onde trabalho, quando é tempo de festa eu não almoço. Eu chego aqui (na escola) já atrasada. Não tenho como ir em casa, nem mesmo como comprar, fico sem almoçar por causa do movimento e saio de lá direto, sem comer nada, principalmente quando é dia de prova [...] As vezes o professor já está na sala, às vezes não, aí tem que ficar aqui esperando ele com fome, e não comer nada [...] a fome morre no corpo, por que mesmo que eu sentisse (fome) eu vou fazer como? Não tem como. Como é que come? Não é todo dia que nós temos dinheiro pra estar comprando comida. No meu caso, às vezes não tenho dinheiro (Maria, 20 anos, 3º ano)

Muitos dos trabalhadores temporários são jovens no primeiro emprego. E, para muitos, esta é também a chance de ser efetivado. “Tem que trabalhar bem, colocar a mão na massa mesmo, para ser notado e continuar no quadro de funcionários após o período festivo”, relatam alguns estudantes.

Enquanto os empresários estão preocupados com o faturamento de seus estabelecimentos, o trabalhador em períodos sazonais, trabalham mais que oito horas diárias, sendo que a maioria não recebe hora extra e parte deles não ganham sequer uma folga. Nesse sentido, o comércio se assemelha ao trabalho escravo, pois o salário é baixo e o trabalhador é obrigado a cumprir longas jornadas e na maioria das vezes, não ganham por horas extras trabalhadas e nem têm direito a nenhum outro benefício trabalhista.

Apesar de a exploração ser visível, ela é sempre escamoteada, já que os funcionários são sempre coagidos a não denunciarem, sob pena de perder o emprego. A questão é que é o comércio um dos maiores empregadores e o setor que mais utiliza mão-de-obra não qualificada e absorve grande parte dos jovens que buscam o primeiro emprego, é onde estão muitos estudantes trabalhadores do Colégio Ypiranga, inseridos no intenso comércio localizado nas imediações da escola.

O diferencial no comércio, como já foi dito, é a carga de trabalho. Enquanto no serviço público e em outros setores da economia os trabalhadores cumprem um máximo de 40 ou 48 horas semanais, o comércio vai além disso - sábados, domingos e feriados não existem para esses trabalhadores.

Já aconteceu comigo, é assim, eu estou atendendo muitos clientes, é tempo de festa, aí não tem como almoçar, nem tem como sair. Chega a hora de almoçar, eu passo da hora (de comer), aí a fome passa, não sinto mais fome. Você sentiu naquele momento e depois esqueceu. Aí pronto, ali pra mim morreu no corpo. Pelo fato de você estar trabalhando, estar agitada, nem lembra dela (da fome) (Maria, 20 anos, 3º ano).

“Sentir fome e sair para almoçar”, significa perder o movimento de clientes, e conseqüente oportunidade de venda, já que muitos consumidores aproveitam o

intervalo do almoço para realizarem suas compras. Assim, o corpo de quem vende nesse intenso comércio, precisa construir outras formas de lidar com a fome.

O que é percebido, num momento, pode ser alterado e percebido de outra maneira, num momento seguinte. Sendo assim, os significados da fome perpassam a imagem corpórea da carência de comida, indo ao encontro de outras concepções sustentadas por um sistema de símbolos gerados pela insegurança concreta de alimentar-se (Freitas, 2002).

É na linguagem que o indivíduo procura externalizar as experiências do seu cotidiano com o mundo. Sentir fome e deixá-la viva na memória e no corpo provoca fraqueza, cansaço, desânimo e dor, sensações que prejudicam o cotidiano de trabalho. Esquecer essa fome a tal ponto de deixá-la “morrer”, significa adaptar esse corpo faminto ao mundo de privações alimentares vivenciadas no trabalho e na escola.

5.7 A comida da noite é a sobra do dia

Teve um período em que os alunos da manhã e da tarde só vinham à escola por causa da merenda. Os alunos da noite nunca receberam merenda, porque o próprio estado não oferece para o aluno da noite, independente da série, aqui nunca recebeu. Hoje, o colégio oferece uma merenda aos alunos do noturno, quando sobra a merenda da tarde, que não é resto, é sobra. Fez um caldeirão de mingau, sobrou mingau, então distribui com o pessoal da noite. Fez um caldeirão de sopa, sobrou, não vai jogar fora, então distribui. Mas não é uma merenda designada para os alunos da noite (Aurora, professora).

Alguns dias depois da minha inserção na escola, presenciei a distribuição de uma refeição pela janela da cozinha; alguns copos de plásticos azuis eram organizados um ao lado do outro, para que os alunos que chegassem pudessem pegar.

Fui até a cozinha para entender o que estava acontecendo, foi quando soube pela primeira vez, que os alunos da noite às vezes recebiam uma alimentação que sobrava da refeição servida pela escola à tarde.

Neste dia, a sobra tinha sido um mingau de tapioca, que foi rapidamente consumido pelos quinze primeiros alunos que chegaram ao colégio antes das dezenove horas. Os que chegaram depois desse horário só faziam lamentar por não ter encontrado mais nada, “não tem nem mais um restinho na panela”, uma aluna chegou a perguntar.

A distribuição era feita por uma funcionária da secretaria, que também consumia e distribuía aos outros funcionários.

Todos eram famintos naquele cenário, dos alunos aos funcionários e professores, que eram privilegiados ao receberem uma porção dessas sobras de alimentos na sala dos professores.

Acompanhei outras noites com outras refeições como arroz doce, mingau de tapioca em mais um dia e feijão tropeiro, refeição campeã da preferência de todos.

Os alunos que chegavam mais tarde, por conta do horário que saiam do trabalho, desconheciam essas refeições, e diziam nunca haverem consumido nada na escola.

Com alguns alunos que consumiam obtive alguns relatos:

Às vezes tem uma merenda de noite [...] mas você “está ligada”, não é? Essa merenda que às vezes dão pra gente de noite é a merenda que sobrou da tarde. Elas fazem demais, aí pra não jogar fora dão pra gente de noite (João, 17 anos, 1º ano).

Apesar de ser uma refeição procurada e bem aceita por uma boa parte dos estudantes, as informações a respeito vinham sempre em tom de denúncia, para que eu estivesse atenta àquela situação, por não tratar-se de um alimento feito para eles, como de direito. Tratava-se de um alimento potencialmente perigoso, uma “sobra”, palavra salientada em vários discursos.

Ele (João) come ...fala assim, que é sobra, mas come [...] quando ele chega aqui de “larica” come que nem percebe se o mingau está estragado (risos) (Jonas).

[...] eu é que não como essa merenda de colégio. Quem já se viu, trabalhar em cozinha, com comida, sem usar uma luva nem uma touca? Deus que me livre, é uma porcaria... (Jonas).

Para alguns, o consumo desses alimentos é uma humilhação, pois trata-se de algo deixado de qualquer jeito, sem cuidados de higiene e conservação. Sobre isso, alguns relatam sobre um mingau que certa vez foi servido estragado, apesar de o gosto ruim não ter sido percebido por todos, muitos consumiram, porém o fato não sai da memória e é motivo de piada entre os alunos.

A noite, por não haver oficialmente alimentação escolar, não tem a funcionária merendeira, assim, a refeição é servida por uma funcionária da secretaria, que sem uniforme e equipamentos adequados ferve a preparação e distribui nos copos ou pratos dos alunos. A merendeira é contratada apenas para o trabalho diurno.

Apesar de todo o cuidado para melhor conceituar e situar o papel dessa alimentação distribuída à noite, os estudantes sentem-se ainda mais rejeitados nesse contexto escolar. E por mais que bem intencionada, a escola e sua gestão acabam através de algumas medidas paliativas, aumentando o sentimento de rejeição que os estudantes noturnos sentem diante do sistema educacional.

Nesse sentido, citamos Caporalini, (1991, p.32-33):

"Tem-se que optar entre continuar tratando o estudante que trabalha como um carente crônico que precisa ser alimentado, informado, integrado, educado sob formas compensatórias e paliativas, ou passar a tratá-lo como um cidadão trabalhador historicamente excluído dos direitos básicos que, através de uma educação de boa qualidade, precisa tomar consciência dessa exclusão e se organizar na reivindicação de seus direitos".

5.8 A experiência da sopa

Paulo Freire (1996), em *A Pedagogia da Autonomia*, ao discutir os saberes necessários à prática educativa, aborda a exigência de se querer bem aos educandos durante a prática do ensino. Querer bem significa disponibilidade à alegria de viver, o que não significa ser um educador “adocicado” nem tão pouco um ser arestoso e amargo. A prática educativa, como algo estritamente humano, jamais pode ser entendida como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devam ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista.

A partir dessa compreensão, busquei durante a pesquisa informações a respeito dos professores da escola, como se relacionavam com seus alunos, sob o ponto de vista dos estudantes, principais informantes desse estudo. Durante muitas escutas, onde as questões terminavam sempre em torno da alimentação escolar, ouvi por várias vezes o nome de uma professora, conhecida por todos como a professora que fez o “sopão ” no ano anterior, em 2007, e que por alguma razão, desconhecida por eles, não continuou a atividade em 2008.

Em um dia previamente agendado, tive a oportunidade de conversar com a professora, que além de fornecer informações importantes sobre a elaboração do tão falado “sopão”, trouxe a sua alma durante a entrevista. O que inicialmente seria uma entrevista de fato, com algumas perguntas, transformou-se em um relato de amor, dedicação e gratidão aos seus alunos.

Talvez ela não saiba, mas os relatos de amor e gratidão são recíprocos. O período que durou a realização da sopa, marcou um momento muito importante no Colégio Ypiranga, jamais esquecido pelos seus alunos.

A professora inicia sua fala relatando os momentos difíceis pelos quais passou, o que a fez abandonar outras atividades, inclusive o ensino em uma faculdade privada. Nesse sentido, relata o quanto os seus ex-alunos do ensino superior não tinham interesse nem valorizavam o seu trabalho, e contribuíram para que retornasse para a escola pública e retomasse sua vida pedagógica de fato.

Sobre o aluno da escola pública, ela diz:

O aluno da escola pública é um ser carente, por incrível que pareça. É, carente de amor, de carinho, de um olhar... de parar pra ouvir um problema. Isso tem muito, a ver comigo, acho que eu não era nem para ser professora, eu tinha mais era que ser Psicóloga, ou Assistente Social (Aurora, professora).

A respeito dos fatos que contribuíram para a realização da sopa temos o relato:

Muitos alunos da noite estavam deixando de vir, porque não tinham dinheiro para merendar. Às vezes assistindo a aula diziam “Ah professora, estou morrendo de fome”, “eu vou embora, porque eu estou morrendo de fome” [...].

Eu tive um aluno, que comprava pão todo dia, para levar para casa. Quando chegava aqui, separava um para levar para casa e o resto ele abria e comia, e a sala toda comia o pão. E combinaram para cada dia um comprar o pão pra dividir [...] eles comiam aquilo ali, para chegar até o final da noite. Foi daí que pensei em fazer uma parceria com a comunidade, daqui do Largo Dois de Julho, para a aquisição de alimentos para oferecer ao pessoal da noite (Aurora, professora).

A professora iniciou os trabalhos indo às mercearias do Largo Dois de Julho pedir doações. A idéia foi bem aceita por um comerciante, que passou a ser o principal parceiro, contribuindo constantemente com a doação dos legumes e verduras.

No início a professora contava com os funcionários do mercado, ou com rapazes moradores vizinhos da escola, para transportarem as caixas de alimentos, como também transportava sozinha.

Professores e gestora colaboravam comprando condimentos e outros ingredientes necessários para a preparação da sopa.

A cada dia, o “sopão”, como foi batizado, tomava proporções ainda maiores, e estimulava professores e alunos da escola. “Passamos por um período muito bom, fazendo esse tipo de trabalho”, conclui Aurora.

Um dia, enquanto aguardava na mercearia a caixa com as doações para a sopa, a professora relata que foi surpreendida por uma colega, professora do período diurno, que questionou sua presença no local recebendo doação de alimentos. Sobre a situação traz o seguinte relato:

Eu esperava pela caixa de verduras quando ela chegou e perguntou o que eu estava fazendo e quando falei ela disse: “Que idéia de doido é essa? Os alunos de lá não gostam de sopa não, vai tudo é pro lixo”! Eu perdi a cor, perdi a graça, e respondi: “ Que é isso, os alunos morrem é de fome, isso aqui é para ajudar”. Aí ela disse: “Ah, não toma não, eu nunca vi”. Ela fez a maior baixaria no mercado e foi embora. Nesse dia o dono não podia disponibilizar os funcionários, foi aí que eu peguei uma caixa, meti na cabeça e fui andando (Aurora).

Segundo relato da professora, a partir desse dia tudo ficou mais pesado, não só a caixa de legumes que trouxe na cabeça, mas também o peso da crítica pela forma como ocorreu. Nesse dia ela preparou a sopa muito aborrecida, chateada e humilhada. Nesse mesmo dia, sua colega reuniu-se com outros professores para falar a respeito da sopa.

[...] a colega saiu do mercadinho e veio para cá, se reuniu com alguns colegas e falou que eu fui pegar material podre, que iam jogar no lixo, para fazer comida pra os meninos, que isso ia dar problema com a Secretaria de Educação, que os alunos iam passar mal, enfim, foi aquela coisa toda. Mas não fiquei sabendo dessa conversa toda nesse dia. A noite então, fizemos a sopa. Tomei sopa, diretora tomou sopa, professores tomaram sopa, aluno tomou sopa, foi um “tomar” de sopa que não tivemos nem a primeira nem a segunda aula. A sopa estava boa pra caramba, foi uma festa! (Aurora, professora).

Depois desse dia, a professora ficou sabendo da discussão em torno da sopa e que havia uma torcida muito grande, por parte dos professores do diurno, para que a mesma fosse proibida pela gestora do colégio.

Muito desanimada com toda a repercussão que o caso tomou, deixou de conduzir a preparação da sopa, até que a mesma deixou de ser preparada.

Os alunos nunca ficaram sabendo os reais motivos para que o “sopão” deixasse de existir, restaram apenas lembranças do quanto o momento de socialização era bom.

Nessa época, ninguém precisava se preocupar em ter que comprar merenda, em ter dinheiro ou em ter que chegar mais cedo para poder comer a “sobra”. Nesse curto período, havia uma certeza, que naquele dia seria servida uma refeição, uma sopa deliciosa com muitos legumes e massa, que ia encher a barriga e aquecer a alma, para suportar a noite depois de um dia cansativo de trabalho.

CONCLUSÕES

A escola pública e noturna foi construída para atender as necessidades de uma classe trabalhadora, no ensino das primeiras letras. O modelo atual, que também abrange um grande contingente de trabalhadores, encontra-se numa conjuntura social muito diferente, voltada para uma economia neoliberal, competitiva e excludente.

Os estudantes da escola pública noturna, já inseridos no mercado de trabalho, em empregos que exigem mão de obra pouco qualificada, desempenham trabalhos exaustivos e são mal remunerados. Assim, desenvolvem a crença de que a escola possibilitará melhores oportunidades, como o ingresso na universidade e o emprego com maior remuneração.

Diante disso, o estudante trabalhador cria expectativas pelo ensino público, que para ser conciliado com o trabalho, exige luta contra o sono, o cansaço e a fome. Em um determinado momento, percebem de modo duro que esse ensino não dialoga com o seu cotidiano, não responde suas dúvidas, nem corresponde às suas ansiedades. Descobrem-se assim, excluídos também pelo sistema educacional e com muitas fomes sociais.

Os significados e percepções da fome expressos pelos estudantes trabalhadores são representações dos elementos que compõem o quadro de faltas do ensino público e noturno. Dessa maneira, não podem ser tratados isoladamente, com medidas paliativas, sem penetrar na dimensão escolar.

A falta do professor, a falta das aulas, a falta dos colegas e a falta da alimentação, não podem ser supridas apenas por uma política de alimentação escolar, principalmente se seguir os moldes do modelo vigente.

Com esse estudo é possível que se tenha a oportunidade de discutir medidas que combatam a fome do estudante noturno, que não é só por comida.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vilma. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna**. São Paulo: Cortez, 2004.

ANGELIS, Rebeca Carlota. **Fome Oculta, bases fisiológicas para reduzir seu risco através da alimentação saudável**. São Paulo: Atheneu, 2000).

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UNB. 6ª ed., 940 p., 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BEISIEGEL, Celso de Rui . **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. São Paulo: Pioneira, 1974. 189 p

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1997.,

CAPORALINI, Maria Bernadete Santa Cecília. **A transmissão do conhecimento e o ensino noturno**. Campinas-SP: Papirus, 1991.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Alternativas Metodológicas Para o Trabalho Pedagógico Voltado ao Curso Noturno. Publicação**. Série Idéias n. 25. São Paulo: FDE, 1998Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb_a.php?t=024. Acessado em 04/10/2007.

FAO/OMS. **Número de famintos sobe para 963 milhões**. [Citado em 12 de setembro de 2008]. Disponível em: https://www.fao.org.br/vernoticias.asp?id_noticia=706.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. **Os jovens do ensino médio e suas representações sociais**. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 167 – 183, março/2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1980.

- FREITAS, Maria do Carmo Soares de. Uma abordagem fenomenológica da fome. Rev. Nutrição Campinas, 15 (1): 53-69, jan. / abr., 2002.
- FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da fome**. Salvador / Rio de Janeiro: EDUFBA e FIOCRUZ, 2003.
- FREITAS, Maria do Carmos Soares; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce. Escritas e Narrativas sobre alimentação e cultura. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GENTILI, Pablo. Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GILES, Thomas Ransom. **História da educação**. São Paulo: EPU, 1987.
- INSTITUTO CIDADANIA. Projeto Fome Zero: uma proposta de política pública de segurança alimentar para o Brasil. São Paulo: Instituto Cidadania, 2001, 118 p.
- LOLIS, Dione; LIMA, Jane Cristina Franco. Evasão e demanda escolar nas favelas e assentamentos na região leste de Londrina, 1997. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n2_evasao.htm. Acessado em: 20/11/2009.
- LÜDKE, M. MARLI, A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1996.
- NASCIMENTO, Renato Cavalheira. Josué de Castro: o sociólogo da fome. Consultoria prestada para a Fundação Banco do Brasil/ Projeto Memória, por meio do Centro de Estudos e Pesquisas Josue de Castro, em 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/consea/static/documentos/Outros/Consultoria%20FBB%20Josu%E9%20de%20Castro.pdf>, acessado em: 18/09/2008.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO/PNDU. Desigualdade é maior na Grande Salvador que no Brasil. [citado em, 27/12/2006], Disponível em <http://www.pndu.org.br/noticias/impresao.php?id01=2498>.
- PRIMITIVO, Moacyr. **A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1936
- _____. **A instrução e as províncias: subsídios para a história da educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1939

- SAVIANI, Dermeval *et al.* **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – Coleção Educação Contemporânea.
- SOUZA, E.C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: Editora da UNEB, 2006.
- TOGNI, A.C.; CARVALHO, M.J.S. **A escola noturna de ensino médio no Brasil**. Revista Ibero Americana de Educación – Número 44, pp.61-76 Maio/Agosto 2007.
- VALENTE, Flávio Schieck. **Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos**. Saúde e Sociedade, v. 12, nº1, p. 51 – 60, jan./jun. 2003.
- VICTORA, Ceres Gomes. et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- VIEIRA, Sofia Lerche Vieira; FREITAS, Isabel Maria Sabino de. **Política educacional no Brasil: introdução histórica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Entrevista com os estudantes:

- Caracterização do sujeito: Nome, idade, série, ocupação, onde trabalha.

- Abordagem inicial com base no texto narrativo;

- Como acontece o trabalho de dia e o estudo a noite;

- Como acontece a alimentação no trabalho e na escola;

- Quais os sentidos do estudo noturno. Ou seja: as dificuldades; os melhores e piores momentos; o que poderia ser melhorado.

APÊNDICE B:

Transcrição da entrevista com a estudante Maria - A fome que morre no corpo.

Data: 31 de outubro de 2008

Regiane: Oi Maria, depois de ler seu texto, muito obrigada! Gostaria que me falasse um pouco sobre você, onde trabalha, onde mora, sobre seu trabalho.

Maria: Meu nome é Maria, tenho 20 anos, trabalho há 2 anos e meio na baixa dos Sapateiros em uma loja de variedades para o lar com valores a partir de R\$ 1,25. Moro aqui mesmo no 2 de julho, por isso vim estudar no Ypiranga por ser mais perto de onde eu moro. Mesmo morando perto eu venho direto do trabalho. Tempo de movimento mesmo, tempo de festa eu saio mais tarde aí tenho que vir direto do trabalho pra escola. Começo no trabalho às 8 e fico até 18:30 a 19 horas. Minha função é vendedora, fico atendendo os clientes.

Eu moro sozinha e me mantenho sozinha.

Regiane: Como é trabalhar e estudar de noite?

Maria: É péssimo! É péssimo! Não é muito bom não. É um cansaço, às vezes nós chegamos cansados, não dá vontade de estudar, mas faz parte da nossa vida, né? Temos que passar por cima do cansaço e... estudar!

Estudo a noite por ser a única opção, porque também pra mais tarde eu poder fazer uma faculdade, ter assim um trabalho melhor, sabe? aprender mais... né?

Estudo a noite há 3 anos. Comecei a estudar a noite porque comecei a trabalhar, aí não tinha outra opção, só estudar a noite. Fazer a faculdade é um plano meu mesmo.

Regiane: Estudar a noite é uma única opção, como assim?

Maria: A única opção... assim, no meu caso, eu tenho 20 anos, se eu parar de estudar, eu t ô o quê, no terceiro ano...se eu parar de estudar vai me atrasar muito, é aquela coisa, se realmente eu quero um emprego melhor, eu tenho que estudar mais. Então esse estudo de noite é a única opção da gente fazer a faculdade mais tarde, da gente ter um trabalho melhor...

Pra mim, estudar de noite é uma única opção pra aquele que quer fazer uma faculdade mais tarde. Por que de dia não tem como estudar, porque a pessoa trabalha, então a única opção é essa.

Regiane: O que pra você é um emprego melhor?

Maria: Trabalho melhor é assim, você fazer aquela faculdade, pra aquilo que você quer trabalhar e você conseguir, eu acho.

Regiane: Fale um pouco sobre a faculdade, você quer fazer de quê?

Maria: No momento eu não pensei ainda. Eu tava querendo fazer de química, mas não sei ainda. Eu gosto de química. Eu quero ser professora de química.

Regiane: Pra você, quais são os melhores e piores momento de estudar a noite

Maria: Os piores?! São quando chego na escola e não acho nada pra se comer. E os melhores...que...não tem nenhum melhor, né? Eu to aqui por que quero conseguir alguma coisa. Não porque eu quero tá aqui. Por que se fosse da minha vontade...minha irmã...hoje...(risos)

Regiane: **Você não tem nada pra dizer assim, isso é uma coisa boa?**

Maria: Não...além do estudo, mas nada viu? Mais nada!

Regiane: **Por que você acha que a sala de aula está tão vazia?**

Maria: Olhe, eu acho que os outros não tinham interesse, por que é aquela coisa... ou estavam estudando pra pegar o cartão de meia, aí se matriculou, veio um dia, pegou, foi embora. Esses aí é como si diz: “não querem nada com a vida, né?”. Porque quem quer, mesmo cansado mas ta aqui, estudando, pra aprender alguma coisa a mais, né?

Regiane: **O que você acha que poderia melhorar na escola?**

Maria: Poderia melhorar muito. A organização no colégio. Ter um... como nada um lanchinho pra quando a pessoa chegar com fome do trabalho não ter que estudar com a barriga roendo, lá. Aí, se tivesse uma merenda seria melhor. Eu acho que seria melhor pra todo mundo, não só pra mim, mas pra muitos que chegam. Tem trabalhos também que às vezes não dá tempo nem da pessoa almoçar. No meu caso, quando é tempo de festa lá onde eu trabalho eu não almoço, então eu já chego aqui já atrasada, então não tem como eu ir em casa e até mesmo comprar.... fico sem almoçar por causa do movimento, saio de lá sem comer nada, já saio direto, principalmente quando é prova, já saio direto aqui pra o colégio...

Regiane: **E você sente fome?**

Maria: ...morre no corpo... por que mesmo que eu sentisse eu vou fazer como? Não tem como!

Regiane: **Como é a fome morrer no corpo?**

Maria: ...é assim... você sentir aquela fome, e aquela fome você nem parece que não almoçou naquele dia. Você sentiu naquele momento, aí depois você esquece, faz de conta que você nem comeu nem nada e ta ali, não tá sentindo nem mais fome, aí pronto, alí pra mim morreu no corpo. ..

Regiane: **E como é ? Essa fome passa?**

Maria: Oh?! Pelo fato de você tá ali trabalhando, tá ali agitada, nem lembra... comigo é assim... já aconteceu comigo. Assim, eu to ali atendendo muito cliente, é tempo de festa, aí não tem como eu almoçar, nem tem assim como eu sair. Chegou a hora de almoçar, eu passo de hora de almoçar, aí a fome passou, não sinto mais fome. É isso! Aí dá a hora de vir pra escola, não dá tempo de comer, porque o único tempo que dá é o tempo de vir, chegou aqui botou a blusa, pronto! Quer dizer, às vezes o professor já ta na sala, às vezes não, aí tem que ficar aqui esperando... aí fica com fome... não come nada...e como é que come? Não é todo dia que nós temos dinheiro pra tá comprando lanche. No meu caso, eu também, eu mesmo, às vezes eu não tenho dinheiro, porque assim, eu sou sozinha. Minha mãe mora no interior e eu moro aqui sozinha, eu pago aluguel, tem minhas despesas pra eu pagar, então eu não tenho dinheiro pra tá lanchando assim toda hora. Então se eu chegasse aqui e achasse uma merenda, não seria melhor?

APÊNDICE C:

Transcrição da entrevista com a professora Aurora, organizadora da sopa do Ypiranga.

Entrevista com a professora Aurora, organizadora do sopão

Data: 05 de novembro de 2008.

Regiane: Boa noite professora. Em conversa com os alunos, fiquei sabendo sobre um sopão que era organizado pela senhora no ano passado. Os alunos dizem que era muito boa, que sentem falta, por isso eu gostaria muito que a senhora me contasse a história do sopão do Ypiranga.

Professora Aurora: Sou Professora de língua portuguesa, literatura, redação, veio p ypiranga em 94, há 15 anos, em agosto faz 15 anos. Eu trabalhei em outros colégios, trabalhei em colégios de ensino técnico, trabalhei em algumas faculdades, inclusive fui professora de curso de extensão da Católica, mas passei por alguns momentos adversos, perdas familiares, tive depressão, e aí eu me afastei, e agora que eu estou retomando a minha vida pedagógica...agora que eu estou voltando...passei momentos difíceis, meus alunos me ajudaram muito, eu não abandonei o colégio público, foi a única coisa, mas abandonei faculdade, que dava muito mais trabalho...mas trabalho jun...não...não...não, não, não, acho que não...não foi a questão de ser mais trabalho não, questão da falta de interesse de lá que é maior que aqui (silêncio). O aluno da escola particular, ele tem um grupo que realmente quer, e a maioria não quer nada...tá? Tá ali porque o pai e a mãe colocou pra estudar ... você ta dentro da sala e ele ta conversando ali dentro da sala ensinando, explicando...você tem que aprimorar muito mais aula porque tem ali uma coordenação pedagógica que ta ali cobrando...e eu estava passando um momento . Aqui eu fui mais acolhida, não que eu tivesse aberto a minha situação pra todo mundo, quem sabia que eu estava passando por um momento difícil eram algumas pessoas, alguns colegas, e a direção do colégio, fora disso o aluno não.

Regiane: Como é a sua relação com os alunos?

Professora Aurora: Eu sempre tive uma relação muito amigável com os alunos porque eu sempre os tratei como igual, (silêncio), eis o grande ceito da história: tratar por igual. Quando você tem um aluno que gosta de você , ele automaticamente gosta da sua disciplina , e aí ele caminha lado a lado. Então eu não tinha aqui problemas com o aluno. Já o aluno do colégio particular, porque é um aluno que tinha dinheiro, é o aluno q tem celular, é o aluno que tem todo o material eletrônico, é um aluno que ta se lixando, não ta ligando, não ta se incomodando...então isso é uma grande diferença...carinho pra ele é o carro que ele tem na mão, carinho pra ele é o tênis novo que ele acabou de comprar, é o que ele vai aprontar mais tarde. O aluno da escola pública não, é um ser carente, por incrível que pareça...é carente, carente de amor, de carinho, de um olhar, de parar pra ouvir um problema, ta. Isso tem muito, muito a ver comigo, acho que eu não era nem pra ser professora, eu tinha mais que ser psicóloga, ou assistente social. E nisso eles me ajudaram, inconscientemente me ajudaram. Eles vinham me contar um problema, às vezes eu estava com a cabeça a mil, eu estava cheia de problema, problema próprio da depressão, mas aí ele vinha com o problema

dele e eu esquecia do meu problema pra cuidar do dele. Isso aí foi me resgatando, isso me resgatou muito, me ajudou muito.

Regiane: Como começou o sopão?

Professora Aurora: Aí teve um período que tinham uns alunos que só vinham à escola por causa da merenda, que eram os alunos da manhã e da tarde. Os alunos da noite nunca receberam merenda, porque o próprio estado não oferece merenda para o aluno da noite, independente da série...aqui nunca recebeu. Então, hoje o colégio oferece alguma merenda aos alunos do noturno, quando sobra a merenda da tarde...não é resto, é sobra. Fez um caldeirão de mingau, sobrou mingau, então distribui com o pessoal da noite. Fez um caldeirão de sopa, sobrou, não vai jogar fora, então distribui. Mas não é uma merenda designada para os alunos da noite.

E muitos alunos da noite estavam deixando de vir, porque não tinham dinheiro pra merendar. Às vezes assistindo a aula e “Ah professora, to morrendo de fome, eu vou embora, porque eu to morrendo de fome”, e aí? Eu me lembro bem, eu não me lembro o nome, eu sou péssima pra gravar nomes, fisionomia não, eu lembro de todos eles, mas nomes... também, são muitos. Eu tive um aluno, que ele comprava pão todo dia, pra levar pra casa, chegava aqui, ele já separava um, pra levar pra casa e o resto ele abria e comia, e a sala toda comia o pão. E combinaram assim, cada dia um comprar o pão pra dividir. Interessante...então eles comiam aquilo ali, para chegar ao final da noite. Então eu comecei a desejar, primeiro veio o desejo, a vontade...É...a última direção que nós tínhamos aqui, eu conversei, sugeri que nós fizéssemos um acordo, uma parceria com a comunidade, daqui do largo 2 de julho, pra gente adquirir algum material, enfim, pra gente adquirir alguma merenda pra dar ao pessoal da noite, mas a última direção infelizmente nunca se importou, nunca se interessou, não deu muito incentivo. Aliás não deu incentivo nenhum. Essa nova direção já me deixou a vontade. Só fez isso, me deixou a vontade. Bem, “se você quiser pode fazer”, e eu comecei a ir atrás. Fui aos mercadinhos, conversei com alguns, não foram todos que eu procurei, conversei com alguns e eles começaram a dar verduras, cenoura, batatinha, mas não era um material...verduras de primeira...eram verduras que estavam boas, mas que tinha alguma...por exemplo, alguém iria comprar uma cenoura, olhava pra cenoura, “prác”...normal de mercado...pra saber se a cenoura ta boa quebrava a cenoura no meio aí ficava duas bandas, em vez de levar as duas bandinhas pra casa, pegava outra cenoura e aquelas duas bandinhas ficavam ali, e aquelas duas bandinhas não eram vendidas. Então todo dia que tinha aquele material ele tirava e separava. Chuchu, pessoal costuma olhar o chuchu, se o chuchu ta mole ou duro, através da unha...dá uma “unhadinha”, ta mole leva, algumas pessoas dão logo um beliscão no chuchu tirando o pedaço, mas a pessoa não leva o chuchu. Então era esse o material que estavam nos fornecendo. Então era muita coisa, não é? Então quando chegava aqui...a direção ajudava muito, caldo “Knor”, eu comprava com o meu dinheiro, os colegas professores do noturno, todos, sem exceção, também colaboravam, traziam massa de sopa, traziam massa de tomate, ou davam o dinheiro pra comprar caldo knor, enfim, então a gente fazia sopa direto aqui. Mas aí também, sopa vai enjoar, vamos fazer o que? Já sei, vamos na padaria pedir pão, vamos fazer uma vaquinha de professores e a gente compra salsichas, aí fazíamos cachorro quente. Passamos um período assim, um período muito bom, fazendo esse tipo de trabalho.

Intervalo devido a uma ligação das lojas esplanadas para que fosse apanhar o tecido para uma festa dos alunos...

Esse sopão aconteceu no início do ano passado, em 2007, e durou praticamente o ano todo. A turma da noite, do terceiro ano, queria porque queria fazer uma festa de formatura, e a gente saia pedindo, cara de pau. Olha, professor tem que ser palhaço, não é, porque tem que brincar, tem que ser cínico, porque às vezes o aluno ataca e você tem que fingir que não é nada, e ele tem que ser versátil, polivalente, e eu procuro ser polivalente, na medida do possível, justamente pra gente poder fazer o que pode para melhorar.

O sopão era distribuído, quando chegou no final do ano passado (2007), nós vendemos o sopão a R\$ 0,50, agora a pessoa comia o sopão, um prato, dois, dez, comia o que quisesse, não tinha problema. Cada R\$ 0,50, o dinheiro era entregue à coordenação, a coordenadora guardava e esse dinheiro, com os outros que nós saímos pedindo, que fizemos a festa do 3º ano, mas tudo com o acordo do aluno.

Mas inicialmente a sopa não era vendida. Mas veja bem, a questão não era ser vendida, o que eu coloquei foi o seguinte, juntamente com o 3º ano, passamos nas salas e falamos: O 3º ano quer fazer a festa, todos vocês estão convidados, agora, uma festa precisa de dinheiro porque tem que encomendar comida, bebida, enfim, é, ornamentação e o pessoal não tem dinheiro. Então a gente vai fazer rifas, vou pedir a vocês pra colaborarem com as rifas, eles colaboravam muito, e a sopa a partir de agora ...vocês sabem que a sopa é colaboração da comunidade do Largo 2 de Julho, mas nós iremos cobrar R\$ 0,50 ...aí voltava, não, nós não vamos cobrar, nós vamos fazer o seguinte, quem puder, colaborar dá R\$ 0,50, agora, quem não tiver dinheiro toma sopa também. Mas isso foi tão legal, que tinham pessoas que não tomavam a sopa mas vinham e davam R\$ 1,00, tinha gente que achava que R\$ 0,50 estava pouco e dava R\$ 2,00, e tinha gente que não tinha dinheiro nenhum, chegava lá e dizia “ eu não tenho dinheiro hoje”, não tem problema não, e tomavam três pratos de sopa. Tivemos alunos aí de tomar – eu nunca vi um negócio desse, pra mim aquilo era uma felicidade muito grande– de tomar 5 pratos de sopa, e olha que era uma sopa forte, porque dois açougues aqui do largo nos forneciam ossos, não eram ossos para cachorros, eram ossos cheios de carne, tinha muita carne e dava pra todo mundo, era professor, todo mundo comia, e a sopa professores também pagavam, davam R\$ 0,50, davam R\$ 5,00, pra fazer a festa.

Esse ano começamos a fazer, eu não sei porque começaram a falar com a direção, eu não sei se foi colega, não me falaram, eu realmente não sei o porque, porque não podia, que o Estado não permitia, e que iriam ...

O primeiro momento foi muito difícil, porque não achei colaboração de ninguém para buscar as caixas, e as caixas eram pesadas, e inicialmente quem botava na cabeça as caixas ...(silêncio)...era eu. Só que quão eu desço eu saio falando com todo mundo, aqui essa comunidade toda me conhece, porque eu acho q escola e comunidade tem que andar juntas, esse é o martelo que eu bato todo dia aqui e q vou bater sempre, escola e comunidade tem que andar juntos, então eu venho falando com morador, com feirante, com o homem que vende peixe, é o cachaça ali, é o mendigo, passa por mim eu oi, olá, lá vai, prof., pra lá e por aí vai.então quando saia de lá até chegar aqui tinha sempre alguém que me ajudava e trazia pra cá. Mas sempre quem fazia era eu, porque não tinha funcionário, como já a escola não tem funcionário. Uma grande crítica que eu faço ao governo do estado, que eu gostaria que você colocasse, pode colocar meu nome que eu assino, é que o estado tem milhares e milhares de órgãos, vários

funcionários que não fazem nada, e as escolas estão sem funcionários, nós não temos funcionários, nós não temos nada, nós trabalhamos aqui no sacerdócio, por amor.

Água, nós tomamos ali de um bebedouro torneirão, todo órgão público o governo não dá o garrafão de água mineral, nós não temos o direito, e nós professores que precisamos de água pra não perder a voz, não é?

O preparo, eu tive MT ajuda da nossa diretora, que com muita humildade, pedia a uma funcionária...

Era preciso muita ajuda, pra buscar, pra pedir e veja bem...é muito difícil pedir, muito difícil, porque quão a gente pede, a pessoa pode receber um sim ou um não e ninguém gosta de receber não. MS a situação requeria que alguém fizesse alguma coisa. Então eu fui, recebi não de algumas pessoas, algumas pessoas falavam categoricamente que não ajudava que o estado é quem tinha que dar, as vezes até numa postura meio ríspida, eu simplesmente ouvia. Eu pedia, representando a escola sozinha. No caso dos produtos pra fazer o sopão, fazer certas coisas. Depois quão nós precisamos de umas coisas maiores, tipo, final de ano, os alunos precisavam de recursos para fazermos uma festa, de final de ano...isso no noturno.

A sopa era servida uma a duas vezes por semana e eu ajudei apenas poucas vezes, me sentei, cortei verduras, fiz tal, tal, tal...por falta de funcionário também, mas a maioria das vezes, era uma funcionária que é da manhã e da tarde, ela assumia, assumia mesmo, limpava tudo isso aqui, ela, mais umas três, mas ela que assumia, e cuidava de tudo. Aquela senhora do lanche, também, quão chegou aqui nos ajudou bastante, tinha uma senhora da manhã que ajudou bastante, os próprios alunos, as alunas, eu entregava pra levar pra casa de um dia pra outro, um tanto de cenoura, um tanto de batata, “me traga tudo isso cortado”, eles traziam tudo cortadinho e no outro dia se fazia a sopa. Foi um trabalho que não foi Núbia, eu quero deixar bem claro, esse trabalho foi feito em conjunto, eu apenas fui o cabeça no sentido de sair pra pedir porque eu não tenho vergonha...a questão é essa, porque os colegas Tb ajudaram muito, eles, talvez não tivessem coragem de sair pedindo, também é chato pra um professor que trabalha aqui, acolá, em faculdade sair pedindo “o Sr. Me dá isso, aqui...” Eles podiam até pensar que era pra gente levar pra casa, porque a maldade humana é muito grande. Então tinha essa questão Tb.

Comentários

E foi até no primeiro sopão que eu fiz aqui que eu ouvi comentário até de um colega...um colega falou e quis cria problema comigo, mas aí eu entreguei a Deus.

Regiane: Por que o sopão terminou?

Professora Aurora: Eu tinha conversado com o dono do mercadinho Bola Verde, no dia anterior, e pedi pra ele contribuição e ele, a Sra. Quer levar agora e eu “agora não MS amanhã de manhã eu venho pegar”, aí no dia seguinte 10h, procurei alguém pra ir comigo pegar, não encontrei ninguém, aí pensei...alguém por aí vai me ajudar, sozinha é q eu não vou carregar. Então quão eu cheguei, procurei pelo Sr. Naldo, que não estava no mercadinho, estava no escritório que ficava em cima, e quão o funcionário foi chamar eu fiquei perto do lugar onde ficavam as verduras, neste momento apareceu uma professora, aqui do colégio – “ah minha filha, vai fazer compras já”? Eu, não fulana, o dono do mercadinho está nos doando verduras e vamos fazer um sopão pra os alunos da noite. “ Que idéia de doido é essa? Os alunos de lá não gostam de sopa não, vai tudo é pro lixo”! Eu perdi a cor, perdi a graça, “ Que é isso, os alunos morrem é de fome, isso aqui é pra ajudar”. “Ah, não toma não, eu nunca vi”... fez a maior baixaria,

e aí na hora q o Sr. Naldo desceu, desceu já com as caixas e daí agora pra eu levar? Ele falou assim “ bem, eu posso disponibilizar um funcionário” e eram duas caixas, então tudo bem, peguei uma caixa, meti na cabeça e fui descendo com o funcionário. Ali, antes de chegar ode tem o feijão, apareceu um rapaz que aí se ofereceu para carregar, tomou da minha mão a caixa, pesada, e trouxe até aqui o colégio, e nesse dia eu sentei também para fazer o sopão, muito aborrecida, muito chateada, humilhada até pelo que a colega fez e tudo mais. Aí, a colega saiu do mercadinho e veio pra cá, se reuniu com alguns colegas e falou q eu fui pegar material podre, q o dono do mercadinho iria jogar no lixo,...q eu peguei material extremamente ruim pra fazer comida pra os meninos, que ia dar problema, que iam passar mal, enfim, foi aquela coisa toda...não soube de nada até aí. Ai de noite nós fizemos a sopa, tomei sopa, diretora tomou sopa, professora tomou sopa, aluno tomou sopa, foi um tomar de sopa que não tivemos nem primeira nem segunda aula. A sopa TVA boa pra caramba...foi uma festa, mas depois eu fiquei sabendo q TVA uma torcida muito grande pelos prof. Do turno oposto contra o turno da noite. A diretora chamou a pessoa, enfim, conversou, aí também acalmaram. Eu não procurei, eu não falei nada, eu entreguei simplesmente a Deus. Eu não TVA ganhando na com isso, eu não levo na pra casa, até porque moro sozinha, quem mora só come na rua, então não vou levar na, não quero na, e minhas coisas quão eu quero eu compro...eu não levo daqui do colégio.

APÊNDICE D:

Transcrição dos textos narrativos Colégio Ypiranga – Largo 2 de julho

Tema: Você tem fome de quê?

OUTUBRO DE 2008

1º ano – turma única

1 – R.S.J. - ANDRÉ

O estudo a noite é marcado por suas precariedades, tais como, o ensino, o tempo das aulas, a presença dos alunos, e por que não, dos professores. Nós alunos da noite, sentimos “fome”, não só disso, sentimos “fome” também de vontade para estudar, pois há uma carência de algazarra, turmas cheias, pois sem isso não há ensino, pelo menos pra mim. Há “fome” também de participação ativa dos professores, de livros e de literatura. Digo que sentimos fome de tantas coisas que dá para “ouvir o ronco das nossas barrigas a quilômetros”.

2 - S. - Sara

Bem, sou do interior e resolvi vir pra Salvador pra trabalhar, aí resolvi estudar a noite. Eu trabalho num salão de beleza na parte da limpeza, saio de casa às 7:00 h da manhã e volto às 18:30 h pra tomar banho e me arrumar pra vir pro colégio, mas não vale a pena, porque eu chego no colégio cansada e no maior ânimo pra estudar, mas dá 7:30 h da noite e nada de professor, ninguém da secretaria pra dar satisfação do que está acontecendo. Tem dias que dá 21 horas e não tem uma aula na minha sala, é obrigado a gente ir embora. Quer dizer o quê? Que a gente sai do trabalho cansado pra vir pra aula e nada? E também na minha sala só tem três alunos, então os professores ficam até sem ânimo pra dar aula. Tem professor que chega na sala e fala que não vai dar aula porque não tem alunos na sala. Então ele quer dizer o quê? Que nós três, que estamos na sala somos cachorros? Só porque ele tá vendo três alunos na sala ele abre a boca pra dizer que não vai dar aula porque não tem alunos na sala? Eu mesmo, sinceramente, fico revoltada com isso. Hoje por exemplo, já são 19:49 h e nada de professor. Então é por isso que falo que não vale a pena.

3 – F.

A redação não foi transcrita devido letra ilegível.

2º ano Turma A

1 - S. - Malu

Bom, primeiro vou começar a falar sobre o que estamos fazendo, “redação”. Sou 2º ano, ensino médio, e não tenho aula de redação. Como vamos fazer um vestibular, concorrer com pessoas que estudam em colégios particulares e passar numa redação, por exemplo, se não tenho aula? Eu acordo às 7:00 h, pego no trabalho às 8:30h, saio às 18:30h, venho direto para o colégio e tenho fome sim, de um ensino melhor, de merenda, pois às vezes nem lancho por causa do tempo. A minha fome também é de um dia entrar na faculdade, por isso que trabalho para me manter e estudo para um dia chegar onde eu quero, ter uma vida melhor, um trabalho melhor. Às vezes não tenho tempo nem de estudar, fazer pesquisas, mas a necessidade de vencer na vida é maior, por isso a gente luta, e tenho fé que um dia vamos conseguir.

2 – G.

Eu gostaria que o Ypiranga desse na cantina uma comida mais nutritiva e saudável e não feijão tropeiro ou mingau de milho, ou mugunzá, mas sim frutas, suco de frutas ou sopa de verduras ou quem sabe até feijoada ou mocotó. Eu acho que isso iria dar muita disposição e energia, para um dia cheio de trabalho.

3 – I.

Meu nome é Ivan Moraes, eu tenho 20 anos, não posso chamar isso de fome, mas sim de uma pequena necessidade. Como a pergunta tá vindo direcionada a minha pessoa pessoal, eu entendo que eu não tenho fome de nada, mas sim tenho necessidade de alguns objetivos a serem cumpridos nesse colégio, como por exemplo: Uma biblioteca mais ampliada, uma quadra de esporte mais estruturada, de saneamento básico melhor, enfim, uma estrutura melhor para todo o colégio.

4 – M. - Jaqueline

Eu tenho fome de cultura na escola, fome de curtir a vida, coisa que não tenho tempo. Vontade de ter muito dinheiro, é o que falta pra mim, sem dinheiro tenho fome, tenho sede, solidão, infelicidade. Eu tenho fome de ser feliz, fome de alegria, tenho fome de sono e descanso, faz tempo que não durmo direito, porque estudo e trabalho. Preciso trabalhar para pagar as contas, para não morrer de fome. Eu tenho fome de tudo.

5 – I.

Eu tenho fome de mais conhecimento, fome de música, fome de melhores estudos, fome de lazer, fome de mais lugares de cultura que satisfaça meu estilo musical. Uma grande fome de um salário, fome de dinheiro, fome dos melhores desejos que satisfaça a todos, fome de sapato, fome de roupa.

6 – A.

Eu acredito que nós deveríamos ser mais apoiados no sistema educacional, tendo mais apoio pelos nossos governantes. Apoiar na área esportiva, patrimonial, saúde, cultura, lazer, alimentação. Um país só se desenvolve quando o povo recebe o apoio do governo em todos os aspectos. Em um colégio, um aluno bem alimentado, com saúde e

tendo uma boa cultura, está capacitado para desenvolver um bom papel na sociedade. Vamos tentar fazer algo pelos nossos jovens, que é ou poderá ser o futuro do Brasil.

3º ano Turma A

1- M.

Meu nome é Mirela, trabalho e estudo. Trabalho em uma casa de família das 8:00 h às 18:00 h, do trabalho venho direto para o colégio, cansada, como sono, com fome. Não é fácil trabalhar e estudar, é muito difícil, eu passo por isso todos os dias e sei o quanto é duro. Eu tenho fome de ser uma pessoa muito feliz, por isso me esforço para trabalhar e estudar, para ser alguém no futuro. Tenho fome também de ter merenda boa. Chego cansada, com fome e o colégio às vezes não tem merenda, a maioria dos dias não tem e quando tem 19:00 horas já acabou

2 – E.

A idéia era que todos nós tivéssemos direito a merenda escolar, pois nós que trabalhamos a noite, quando chegamos aqui no colégio, o corpo está cansado do dia. Então o certo é ter sempre um lanche, para poder raciocinar melhor, pois nossa mente já está cansada do dia a dia. Assim, nós teremos mais disposição para ouvir melhor o que os professores estão falando, mais ânimo. Além do mais, se os outros turnos tem direito, por que não nós do curso noturno? Gostaria que essa lei da merenda escolar pudesse ser para todos os turnos, de todos os colégios a noite, pois temos colegas que às vezes não tem dinheiro para merenda, passa o dia todo só com o almoço que leva de casa. Assim faço parte dos que querem que mude essa idéia e venha valer a merenda noturna

3 – R. - Maria

Tenho fome de uma organização melhor, como, quando chegar achar uma merenda na escola. As vezes chegamos e não encontramos nem uma merenda para nos sentirmos melhor na escola. Então, se tivesse uma merenda seria melhor, porque as vezes assistimos a aula com fome, pois nem todos os dias temos dinheiro para fazer um lanche e também com o que nós ganhamos é muito pouco para todos os dias ter que gastar com lanche... então, se tivesse merenda na escola seria muito legal.

4 – N. - Lourdes

Sou estudante do ensino médio, cursando o 3º ano do turno noturno. Tenho fome de diversas coisas. A minha primeira, é que todos os alunos, independente de turno, deveriam ter merenda escolar, para que possamos ter um raciocínio melhor. Além disso, temos fome de bom ensino, melhores condições de vida, lazer, saúde e uma educação mais eficaz. Também necessitamos de mais faculdades públicas, não essa necessidade de cotas e sim de ensino igualitário, onde nós possamos concorrer de igual para igual. Este é meu lema!

5- M.N.S

Como estudante da noite, não é fácil, pois tudo é mais difícil. Levantar às 5:30h da manhã e ficar até 23 horas sem uma alimentação adequada, descanso, lazer, em fim.

Na realidade, quem estuda a noite deveria ser melhor assistido, o dia a dia é muito estressante, transporte coletivo negativo. Remuneração horrível.

Estudo não adequado, não temos merenda no colégio e muitas das vezes não temos dinheiro para lanche e até mesmo uma água.

O sistema é muito cruel. Os governantes deveriam olhar melhor para a classe baixa.

Vou parar, porque se eu continuar falando um caderno inteiro não dá.

Nesse momento, 20:45h, eu estou com fome e preciso comer alguma coisa.

A água do colégio também não é boa.

6- I

A falta de compreensão e entendimento com o aluno.

Os horários sofrem mudanças, poucos alunos na sala.

Tenho fome de aprender mais, pois no momento estou de volta depois de 12 anos.

Alguns professores pedem para trazer o livro e poucos abrem, e ameaçam tirar pontos se não trouxer o livro, sem pensar que trabalhamos de dia e a noite o peso dos livros incomoda nossos braços.

Tá escrito 40 alunos, só tem apenas 8 alunos.

Para finalizar, deveria servir um lanche que muitos chegam direto do trabalho para a escola.

7- A.P

Eu saio do trabalho e às vezes venho direto do trabalho para a escola... sinto falta de água, que é horrível, só tomo café quando chego em casa. Quem estuda de noite, não tem direito a cursos, só o pessoal do dia...

Quem estuda a noite é meio complicado, porque a maioria sai do trabalho com fome, com a cabeça cheia, estressada, etc.

8 – J.

Eu levanto cedo, não como nada de manhã, o que eu como é besteira, como pastel e só. Não como bem no almoço, porque não dá, só como bem no domingo.

Eu sofro por falta de alimentação adequada, na hora certa como deve ser, bem balanceada.

9 – A. A. S.

Ao sair do trabalho eu vou direto para o colégio, porque não dá tempo para ir em casa almoçar, aí venho com muita fome e não tem merenda nos colégios.

No momento que estou no trabalho, eu não como direito. Não tomo café da manhã, 6 horas não estou com apetite para tomar nada.... A fome é que não dá chance de ser feliz, porque maltrata as pessoas e seres humanos.

10- S

Nos tempos de hoje, seja qual for o horário de estudo, o aluno que seja do turno da noite ou em qualquer outro horário, necessita de um ensino de qualidade.

A qualidade se define em bons professores, estrutura adequada e independente do turno escolhido pelo aluno necessitaria de alimentação.

A falta de uma escola de qualidade, impede que o aluno se interesse pelo seu futuro e o que deveria fazer dele.

Assim sendo, uma equipe de professores qualificados, estrutura boa e incentivo ao aluno, também com cursos profissionalizantes, seria o mais adequado para futuros cidadãos com pontos de vista ou futuros professores.

11-M.Q.

Eu sinto fome de fazer uma boa faculdade, pois esse trabalho que eu faço é autônomo. Porque assim, se eu fizesse a faculdade de LIBRAS ou Letras, eu poderia ensinar nas instituições, ou seja, eu poderia ensinar nas escolas particulares, ou públicas. E também, tenho uma sobrinha de 13 anos surda.

Eu penso muito em fazer um vestibular e passar. E também, estudar a noite é horrível, pois existem muitos assaltos nos ônibus, pessoas tirando vidas de pessoas nas próprias escolas, etc.

Hoje em dia, está muito perigoso estudar a noite, pois o perigo está em toda parte: na casa, na rua, nos pontos de ônibus, nos trabalhos, nos próprios ônibus, bancos, supermercados, estacionamento, em fim. Só.

3º ano turma B**1 – S.**

Há necessidade de melhoria em relação ao ensino. Como conseguiremos prestar vestibular com falta de aulas de redação? É tão difícil trabalhar e estudar, mas não é impossível. Temos um objetivo, por isso que buscamos. A cada dia é uma vitória estarmos até as 22:00 horas em uma sala de aula.

2 – J.- Raquel

Estamos necessitando com urgência de melhoria no ensino público, pois a situação está em estado de calamidade, principalmente para nós do noturno, que chegamos cansados do trabalho direto para a escola, onde na maioria das vezes nem tem aula. Precisamos de aulas diferentes, como informática, um laboratório, um inglês mais aprofundado, uma aula de redação. Para tentar disputar uma vaga com um aluno de escola particular temos que mudar.

3 – N.

Tenho necessidade de ter uma educação melhor, um trabalho que possa me dar satisfação profissional e qualidade de vida melhor. Mas para isso, é necessário ter um bom incentivo, como por exemplo, um ensino melhor, ter uma escola mais organizada, mais preparada para receber seus alunos.

4- E.S

Eu não tenho muito o que falar sobre alimentação escolar, porque não como na escola. Mas acho muito importante a merenda escolar no noturno, porque temos muitos amigos que comem a merenda escolar, trabalham, chegam com fome e têm que ficar até o último horário na escola e muitas vezes não tem dinheiro para comer. Eu por exemplo, tenho medo de comer qualquer coisa na rua, porque uma vez passei mal, então tenho esse medo até hoje. Só gosto de me alimentar em casa. Tenho um certo cuidado com meu estômago, porque não posso também comer qualquer coisa porque tenho problema de estômago.

5- N.

Os alunos noturnos precisam de mais atenção do governo federal, porque na verdade, não temos fome de alimento, mas também de uma melhor condição de ensino. Não temos livros nem merenda.

6- F.

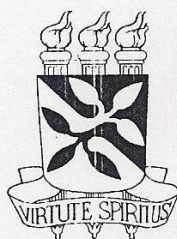
Os alunos da noite deveriam ter uma merenda, porque alguns trabalham e vem para o colégio estudar. Eles almoçam meio dia, não merendam a tarde, porque não tem dinheiro pra merendar, aí os alunos ficam na sala de aula como fome. Nem todos os dias tem condições para merendar a noite, ficam contentes quando não tem aula.

7 – Metal

A falta de merenda no ensino médio é muito ruim, devido o aluno sair do trabalho, muitas vezes apressado, para não perder a 1ª. Aula.

ANEXOS

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
DEPARTAMENTO DA CIÊNCIA DOS ALIMENTOS
Rua Araújo Pinho, 32, Canela
40.110-150 Salvador, Bahia, Brasil
Tel: (71) 3283-7794 Fax: (71)3283-7705

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE NUTRIÇÃO DA UFBA (CEPNUT)

PARECER

PROJETO DE PESQUISA

“A fome do estudante noturno: um estudo de caso em escolas públicas do centro da cidade de Salvador – BA”.

COORDENADOR

Nutr. Regiane Assunção Campos

PARECER CEPNUT

Informamos que o Protocolo de Pesquisa intitulado “**A fome do estudante noturno: um estudo de caso em escolas públicas do centro da cidade de Salvador – BA**” foi apreciado em reunião ordinária desse Comitê, realizada no dia 05 de setembro de 2008, tendo obtido aprovação.


Prof. Neuz Maria Miranda dos Santos
COORDENADORA

ANEXO B: PARECER DO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
GABINETE DA DIREÇÃO

Avenida Araújo Pinho, 32 - Canela CEP: 40.110-150 Salvador, Bahia, Brasil.
 Tel (071) 3283-7700/7706 Fax: 3283-7705
diretora@ufba.br www.nutricao.ufba.br

45454/2008
 COPAG/SEC
 Lote: 381

Of. Nº 198/08-NUT

Salvador, 22 de agosto de 2008.

Ilmº. Sr.
 Prof. Adeum Sauer
 Secretário da Educação do Estado da Bahia
 Avenida Luiz Viana Filho, 550 – 3º andar, Centro Administrativo da Bahia.

Senhor Secretário,

Através da Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, a mestranda Nutricionista *Regiane Assunção Campos*, sob a orientação da Profa. Dra. *Maria do Carmo Soares de Freitas* está desenvolvendo uma pesquisa com **estudantes do ensino médio do turno noturno**, cujo objetivo principal é ampliar a discussão em torno da necessidade de inclusão desses estudantes no Programa Nacional de Alimentação Escolar, vez que se trata de uma população de **trabalhadores jovens**, que saem diretamente do trabalho para a Escola, não dispondo de tempo e recursos financeiros para realizar uma refeição.

Conforme mencionado acima, o estudo será realizado nas escolas públicas estaduais do centro de Salvador no período noturno, de outubro de 2008 a julho de 2009 e utilizará como instrumentos de coleta de dados redações e entrevistas. Não será utilizado nenhum método de coleta mais invasivo ou que traga danos à comunidade escolar. Comprometemo-nos com a veracidade das informações aqui prestadas e colocamo-nos à disposição para outros esclarecimentos que julgar pertinentes.

Contando com o atendimento por V. S^a. aguardamos uma resposta.

Atenciosamente,

Iracema Santos Veloso
 Prof^a. Dr^a. Iracema Santos Veloso
 Diretora

At. Sauer
 Iracema Marques
 Secretário Adm. - Cad. 11.338.764-C
 SECI/SUPAV
 Sec. de Educação do Estado da Bahia
 25/08/08

*A Prof. Luíza Berto / SUPAV
 para acompanhar a pesquisa
 a seu desejo - em 25/08/08*
 ADEUM HILÁRIO SAUER
 Secretário da Educação
 do Estado da Bahia

ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E PRÉ-ESCLARECIDO

Escola de Nutrição/ Universidade Federal da Bahia

Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar – CECANE/ FNDE-UFBA

PROJETO DE PESQUISA- A fome do estudante noturno: um estudo de caso em escolas públicas da cidade do Salvador – BA.

Eu, _____, participarei voluntariamente da pesquisa intitulada “A fome do estudante noturno: um estudo de caso em escolas públicas da cidade do Salvador – BA”, sob a responsabilidade da mestrande Regiane Assunção Campos e sob a orientação da profa. Dra. Maria do Carmo Soares de Freitas. Fui esclarecido que:

O objetivo do estudo é analisar as percepções e significados da fome expressos por estudantes do ensino médio do período noturno;

Um dos propósitos é promover uma discussão acerca de uma Política Pública de Alimentação Escolar abrangente e adequada ao aluno inserido neste período de ensino;

Os dados serão coletados nas escolas públicas estaduais do centro da cidade do Salvador e utilizará como instrumento de coleta redações e entrevistas. Não será utilizado nenhum outro método de coleta mais invasivo ou que traga danos à comunidade escolar.

Esta pesquisa não trará nenhum risco à minha saúde, pois não apresenta nenhum tipo de intervenção;

Os resultados obtidos serão divulgados para a comunidade científica, apresentados na dissertação do referido mestrado e retornados à comunidade escolar, com o objetivo de promover uma discussão acerca da inserção do estudante do ensino médio do período noturno em uma política de alimentação escolar adequada.

Minha identidade ficará em sigilo e sob a responsabilidade da pesquisadora e não será divulgada.

Tenho a liberdade de não colaborar ou de desistir a qualquer momento ao longo da pesquisa, não tendo nenhuma consequência à minha vida escolar.

Considero-me satisfeito (a) com as explicações da pesquisadora Regiane Assunção Campos e concordo em participar como voluntário (a) deste estudo.

Em caso de dúvidas ou maiores esclarecimentos, fui informado (a) que poderei entrar em contato com a pesquisadora Regiane Assunção Campos, no Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar – CECANE/UFBA, sediado na Escola de Nutrição desta Universidade, pelo telefone (71) 3283-7715 ou e-mail regianeac@yahoo.com.br. Como também com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da UFBA pelos telefones (71) 3283-7700/7794 e e-mail: cepnut@ufba.br.

Salvador, _____ de _____ 2008

ANEXO D: FOTOS DO COLÉGIO YPIRANGA



Foto 1: Largo Dois de Julho



Foto 2: Fachada do Colégio Ypiranga - Ladeira do Sodré.



Foto 3: Entrada principal com escada interditada.



Foto 4: Interior da escola, vista do prédio de aulas.



Foto 5: Refeitório, com vista para cozinha e cantina.



Foto 6: Cozinha e cantina



Foto 8: Sobra da merenda da tarde sendo fervida para alunos da noite - Mingau de tapioca.



Foto 9: Funcionária da secretaria que distribui a merenda da noite.



Foto 10: Laboratório de Ciências – Não funciona à noite.



Foto 11: Biblioteca – Funciona até às 21:00 horas.



Foto 12: Escada que dá acesso ao auditório



Foto 13: Auditório



Foto 14: Sala do 1º ano, onde estudam apenas três alunos



Foto 15: Aluna do 1º ano aguardando sozinha pela aula



Foto 16: Sala do 3º ano B



**Foto 17: Turma do 3º ano A em aula na sala de vídeo
Antigo quarto onde morreu o poeta Castro Alves**



Fotos 21: E foi assim que tudo começou...



ANEXO E:**ARTIGO FORMATADO PARA A REVISTA INTERFACE : COMUNICAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO.**

A fome do estudante noturno: um estudo de caso em uma escola pública em Salvador-Ba.

Regiane Assunção Campos¹
Maria do Carmo Soares de Freitas²

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo, sobre a situação de fome do estudante do ensino médio noturno em uma escola pública em Salvador, Bahia. O objetivo é compreender os significados da fome vivenciados por esses atores sociais após um dia de trabalho, no momento da escola, onde a necessidade de estudar supera a sensação física de fome. Especificamente, analisa-se o contexto social desses indivíduos e a realidade da escola pública noturna, para compreensão das muitas faltas sociais elucidadas e qualificadas como fomes. Nos registros das vivências sociais, os atores configuram outras maneiras de compreender o mundo e a fome, conformando um conjunto de informações que apontam para a necessidade de discutir políticas públicas de alimentação adequadas à essa realidade escolar.

Palavras Chaves: Significados; Fome; Alimentação Escolar; Ensino Médio.

ABSTRACT

The nocturne hunger : A study of case in a publics schools in Salvador Bahia.

Treaty up of a study qualitative, above the situation of hunger of student of medium teach nocturne in a public school at Salvador,Bahia. The objective is understand the means of hunger lives by this actors society after a day of work ,in the moment of school,where the need of study overcome physics sensations of hunger. Especyng, analyst the context society their individual and the reality of the public school nocturne,to comprise of the many lacks society elucidation and qualify like hungers.In the record of lives society,the actors outline other kinds of understand the world and the hunger,resigned a whole of information adequate at the that school reality.

Keys words: Meaning; Hunger; School food; Medium Teach.

RESUMEN

La hambre nocturna: Un estúdios de las escuelas publicas em Salvador Bahia

Trata de uno estudo de la cualidad,sobre a situación de la hambre del estudiante del bachillerato unificado polivalente nocturno em uma escuela publica em Salvador, Bahia. El objeto es entrañar los significación de la hambre vivencia poner eses atores social después uno día de trabajo ,no momiento de la escuela ,donde a necesidad de estudiar superación de una sensación física de hambre. Especificar analiza el tema social destas personas y realidad de la escuela publica nocturna, para contener de las muchas escasez social dilucidar y qualificadas cuomo hambres .Nos resgistros de las vivencias social,los atores ten seguridad en maneras de contener el mundo y la hambre,horme um colección de información que apuntar para la la necesidad de debatir políticas publicas de alimentación adecuadas la esa realidad estudiante.

Palabras llave: Hambre,Alimentación,Estudiante y Instrucción moderado.

Introdução

A realidade brasileira é formada por estruturas e códigos indicativos de uma sociedade desigual nos campos sócio-econômico e político. São nessas estruturas que se encontram as escolas, em que o horário noturno marca de modo incisivo a situação do pobre, que quer estudar e luta com seu corpo contra a fome crônica.

A fome crônica e coletiva no Brasil é um produto do processo histórico marcado pela desigualdade social. Suas vítimas são condenadas à insegurança de alimentar-se adequadamente, e nesse sentido, há uma incerteza de conquistar um direito mínimo de cidadania.

A partir desse pressuposto, investigamos os significados da fome do estudante noturno em uma escola pública em Salvador, considerando sua inserção no contexto social desde a realidade educacional aos aspectos de pobreza e fome, enquanto sejam estas produções que compõem o quadro da exclusão social dentro e fora dos espaços da escola.

Nesse sentido, analisa-se o conjunto de significantes das narrativas desses atores, sobre a temática da fome enquanto um produto social e fisiológico; e interpretam-se as várias dimensões da noção de fome no contexto social e específico de cada estudante.

Para uma maior compreensão da realidade destes sujeitos, faz-se necessário uma breve reflexão sobre a formação histórica da escola noturna no Brasil, pelos Jesuítas, que cumpriam com uma série de funções importantes para a coroa portuguesa (Estado), dentre elas a de reprodução das relações de dominação e a de reprodução da ideologia dominante, assegurando a reprodução da sociedade escravocrata.

Com a expulsão dos Jesuítas, no século XVIII, inicia o período da Pedagogia Pombalina (1759 – 1827), que correspondeu aos primeiros ensaios para se instituir uma escola pública estatal (Saviane, 2004). Nesse modelo, a responsabilidade do Estado se limitava ao pagamento do salário do professor e às diretrizes curriculares da matéria a ser ensinada, deixando a cargo do próprio professor a provisão das condições materiais relativas ao local, geralmente sua própria casa, e à sua infra-estrutura, assim como os

recursos pedagógicos a serem utilizados no desenvolvimento do ensino (Saviane, 2004). É notável, que quesitos cruciais para o funcionamento efetivo do ensino público, não foram prioridades do Estado desde o início da sociedade brasileira. Todas as responsabilidades eram atribuídas aos professores. Isto nos mostra que o ensino noturno, sua origem e continuidade são marcados pela falta de prestígio e investimentos, ainda que se configure como a única opção para os trabalhadores que desejam estudar.

O acesso à escola era um privilégio de uma minoria, em geral branca e burguesa. A classe trabalhadora urbana e rural, analfabeta e faminta não tinha praticamente acesso à educação, a não ser os casos isolados, em uma fazenda ou nas cidades quando um professor voluntariamente abria espaços para alfabetização e recebia uma pequena gratificação dos governos (Azevedo, 1996; Freitag, 1986).

Em Salvador, e em outras capitais, as escolas públicas para adultos eram apenas noturnas. A avaliação dessas escolas demonstrou na época, a dificuldade de manter a freqüência do aluno, em geral trabalhadores exaustos das tarefas do dia. Mesmo com a evasão, marcante já nesse período, a escola noturna continuava, mesmo que sem prestígio e investimentos (Beisiegel, 1974). Os registros históricos mostram que, inicialmente, essa escola noturna era destinada a atender os estudos iniciais de jovens e adultos. Com a demanda da necessidade de mais escolaridade para o mercado de trabalho em meados do século XX o ensino noturno passa a atender também o ensino secundário (Togni, 2007)

Nesse contexto, existem determinantes estruturais, como as relações sociais de produção no quadro mundial da modernização neoliberal, competitiva e excludente, que justificam e alimentam a seletividade e a exclusão dos mais pobres do sistema escolar.

A não inserção desse indivíduo e da sua família nesse processo produtivo, resulta em dificuldades de acesso a uma alimentação adequada. Para tratar desse assunto, faz-se necessário trazer a fome, como uma demanda social dentro e fora dos espaços da escola, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, implantado em 1955, com o objetivo de atender às necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, cujas abordagens faremos a seguir.

A fome e a política pública de alimentação escolar

A abordagem das ciências da saúde, ao contemplarem apenas os aspectos fisiológicos, define fome como a necessidade visceral de ingerir alimentos, cuja ausência desencadeia as sensações de dor e estômago vazio, tremores e tonturas, em qualquer indivíduo, independente do contexto social em que vive (Angelis, 2000; Freitas, 2003).

A questão da alimentação, da fome e da má desnutrição não pode ser olhada exclusivamente em sua dimensão econômica (acesso à renda), alimentar (disponibilidade de alimentos) ou biológica (estado nutricional). Uma abordagem adequada ao tema exige a incorporação do quadro de referência dos Direitos Humanos, que permite um olhar holístico a respeito desse fenômeno (Valente, 2003).

A fome, como dos tabus da nossa civilização, foi denunciada no Brasil pelo médico e geógrafo Josué de Castro (2008). Pela primeira vez na literatura, a fome foi apresentada como uma manifestação que assume diversas configurações e, sobretudo, um produto direto do subdesenvolvimento econômico e social.

Após mais de cinquenta anos de seu lançamento, a situação de fome, bem como seus cenários de calamidade, sofreram poucas alterações, somos ainda hoje um país de famintos, com dados estatísticos que variam, mas que sempre apontam para milhões de famintos no Brasil.

No campo da nutrição, a fome é quase sempre, estudada de forma apenas técnica e reducionista com os distúrbios, sem reconhecer questões que ultrapassam a falta de ingestão alimentar. Tudo o qual pode provocar fracassos nas políticas alimentares, uma vez que não conseguem penetrar nas dimensões simbólicas da fome.

Em relação a essa abordagem sócio-antropológica, Maria do Carmo de Freitas (2003), realizou um estudo etnográfico em um bairro popular de Salvador, durante oito meses. Nesse estudo, observou e descreveu o cotidiano dos moradores, e, em particular transcreveu com detalhes suas falas em seus contextos específicos. A abordagem fenomenológica contribuiu para mostrar a dimensão de fome ainda não descrita na literatura sobre o tema.

O processo interpretativo indica que a fome é expressa independente das necessidades nutricionais do organismo, pois o idioma através do qual falamos os sentidos de uma fome a ameaçar a vida traz os signos mais profundos do eu, no mundo habitual, não reduzindo este fenômeno às relações funcionais do organismo (Freitas, 2002).

Outra abordagem a respeito da fome inicia com o lançamento em 2001 do Projeto Fome Zero pelo então Presidente da ONG Instituto Cidadania, Luiz Inácio Lula da Silva. Este projeto visou suprir uma lacuna importante na agenda política brasileira: a falta de uma política de segurança alimentar e nutricional que conseguisse coordenar e integrar as diversas ações nos estados, municípios e sociedade civil. O Direito à Alimentação, que está inserido no pacto internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, deve ser garantido pelo estado. O reconhecimento desse direito implica não apenas o acesso mas a qualidade e confiabilidade dos alimentos consumidos pela população (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

No que diz respeito às políticas de alimentação, merece destaque o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, implementado em 1955. Dentre seus objetivos, destaca-se suprir parcialmente as necessidades nutricionais dos alunos beneficiários, por meio do oferecimento de, no mínimo, uma refeição diária adequada; melhorar a capacidade no processo ensino-aprendizagem; formar bons hábitos alimentares; fazer educação alimentar e evitar a evasão e repetência escolar (INSTITUTO CIDADANIA, 2001).

Oficialmente, até o presente momento, o aluno do ensino médio não é atendido pelo PNAE, diante disso é o único responsável por sua alimentação durante a permanência na escola. Para o aluno noturno, arcar com essa despesa significa comprometer uma grande parcela do seu salário.

Esse enfrentamento da fome no cotidiano escolar compõe uma espécie de insegurança alimentar, e reflete a situação vivenciada por muitos alunos do ensino médio noturno. Revela-se então, o quanto “esse drama é universal, não restrito a um fenômeno local”, como observou Josué de Castro (1983) “ao sair pelo mundo vendo outras paisagens”. Aqui também, na cena cotidiana da escola noturna, os estudantes trabalhadores vivenciam a fome cercados pelos muros da escola.

A escola do estudo bem como os seus estudantes são caracterizados para compreensão da situação de fome que envolve o universo particular do grupo em estudo.

A escola do estudo

O Centro histórico de Salvador é uma região representada por um território de serviços para os trabalhadores menos remunerados. Dentre seus bairros, o Largo Dois de Julho, onde está situada a escola do estudo, é caracterizado como um bairro residencial, com intenso comércio varejista de preços acessíveis, serviços de saúde público e privado e escolas. Nas imediações do bairro, há confluência de transportes coletivos para toda a cidade, desde os bairros considerados nobres até a periferia e região metropolitana, onde reside a maioria dos indivíduos das camadas populares.

O centro histórico foi principal zona comercial da cidade do Salvador até os anos de 1970 quando os setores administrativos do governo migraram para a área norte, equidistante aproximadamente a 25 quilômetros. Com isso ocorreu degradação desta região central em que se misturam camadas sociais médias e populares. O bairro do Dois de Julho, situado na parte alta da cidade do Salvador, está debruçado sobre a Baía de Todos os Santos.

As escolas públicas mais antigas estão situadas no Centro histórico de Salvador, sendo o Colégio Estadual Ypiranga um dos maiores e mais tradicionais, funciona nos três turnos com capacidade total para cerca de 1.550 alunos.

Metodologia adotada

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, realizado no Colégio Estadual Ypiranga, no Centro histórico de Salvador, com estudantes do ensino médio matriculados no período noturno.

O estudo seguiu dois momentos:

1) Pesquisa documental sobre a formação histórica do sistema educacional noturno no Brasil, com pesquisa em acervos de bibliotecas públicas, privadas e arquivos públicos.

2) Após compreensão sobre a formação da escola pública brasileira, deu-se início à inserção em campo, em outubro de 2008.

O estudo em campo ocorreu de 14 de outubro a 10 de dezembro de 2008, em dias consecutivos, de segunda a sexta-feira. Após esse período as visitas ocorreram conforme a necessidade ou para esclarecimento de dúvidas. O horário de chegada na escola era às 18:00 horas, para acompanhamento da chegada dos alunos.

Nas primeiras duas semanas, as atividades se concentraram na observação participante. A utilização dessa técnica na pesquisa qualitativa significa “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto com o objetivo de descrevê-lo (Víctora, 2000). Assim, as caminhadas pela escola durante nesse período, permitiram o registro na memória e em diário de campo, dos signos, palavras e ações que chamavam a atenção e formavam o ambiente em estudo.

Foram identificados nesse período, alguns informantes chaves, e os horários em que os professores poderiam disponibilizar para futuro contato em sala de aula. Alguns diálogos com alunos ocorridos ao longo dessas semanas se deram informalmente, com o objetivo de interagir com os mesmos, como também informá-los sobre o estudo. A imagem do investigador como alguém com a capacidade de observar tudo sem ser observado e sem influenciar o ambiente onde se encontra é praticamente impossível na pesquisa qualitativa (Minayo, 1996; Víctora, 2000).

A partir da terceira semana, deu início às atividades em sala de aula, em quatro turmas do ensino médio regular. Após leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, era solicitada a elaboração de um texto narrativo sobre o tema “Você tem fome de quê?” Essa atividade ocorreu ao som da Música Comida, da banda Titãs, estratégia que descontraíu os estudantes e motivou a escrita (Bauer, 2002; Souza, 2006).

As vinte e seis narrativas escritas trouxeram significantes diversos com os quais foi possível cruzar com as informações durante as entrevistas, realizadas com oito

estudantes. Nem todos os estudantes que fizeram as narrativas escritas foram entrevistados.

As entrevistas foram realizadas com indivíduos de ambos os sexos, trabalhadores e matriculados no ensino médio regular, cujas identidades foram preservadas, substituindo-se por nomes fictícios.

O contato em sala de aula bem como as primeiras impressões a respeito do tema, permitiu maior aproximação e entrosamento com estudantes, questão fundamental para a realização da entrevista em profundidade, que seguiu um roteiro para orientação.

Desse modo, descortinaram-se valores sobre o comer na escola. A análise das narrativas tomou como critérios a seleção de significantes expressos nas falas dos sujeitos investigados. Para alguns autores os significantes ou termos e expressões chaves são as enunciações mais significativas do problema (Geertz, 1989; Barthes, 1997). Nesse sentido, foi importante valorizar o contexto específico da fala, registrar os fragmentos da história de vida, os sinais relacionados à alimentação interpretadas pelos sujeitos implicados nestes contextos analisados.

Análise e discussão dos resultados

Na análise dos dados emergiram as seguintes categorias temáticas: a escola pública, sob a visão de seus alunos; sobre o vazio da sala de aula; o estudante noturnos e suas fomes; a comida que mata a fome fora dos muros da escola; a fome que morre no corpo.

A escola pública, sob a visão de seus alunos.

Estamos necessitando com urgência de melhoria no ensino público, pois a situação está em estado de calamidade, principalmente para nós do noturno, que chegamos cansados do trabalho direto para a escola e na maioria das vezes nem tem aula. Precisamos de aulas diferentes, como informática, laboratório, inglês mais aprofundado [...] aulas de redação (Raquel, 20 anos, 3º ano).

Pouco valorizado no processo educacional brasileiro, o estudante da escola pública geralmente é proveniente das camadas sociais mais carentes. O ensino público para esse grupo torna-se então uma das poucas opções de qualificação para o mercado de trabalho cada vez mais competitivo e excludente.

Já inserido no mercado, em vagas que não atendem aos seus anseios socioeconômicos, o “estar na escola” significa a possibilidade de qualificação para melhor competir e se inserir em empregos com melhores garantias e remuneração, sem que para isso, seja preciso investir em cursos profissionalizantes pagos e geralmente de custo elevado.

Conforme a narrativa, conhecimentos em informática, boa compreensão da língua inglesa, habilidade para escrever bem e expor as idéias de forma clara, são algumas das exigências mínimas para um bom currículo profissional atento às tendências mercadológicas. Não ser capaz de atender ao que esse mercado exige, significa de imediato a inaptidão para sobreviver no mundo globalizado e em uma sociedade capitalista como a nossa.

Nesse sentido, os estudantes entrevistados compõem suas histórias de vida, denunciando algo como um círculo vicioso, onde as situações se repetem e voltam sempre ao ponto de origem sem sofrer modificações, como descrevemos a seguir:

A partir das primeiras narrativas e conversas informais, os estudantes relatam sempre que estudar à noite é a única opção para quem quer obter um bom emprego, melhorar de vida ou ingressar na faculdade. Deixam claro que só estão aqui, nesse horário, por que precisam trabalhar de dia, pois se pudessem não estavam. Os trabalhos que desempenham ao longo do dia são geralmente precários, pois pedem pouca qualificação, pagam mal e exigem desempenho físico exaustivo. Após essa jornada de trabalho, seguem direto aqui para a escola, e essa chegada é marcada por um enfrentamento de corpo e alma contra o cansaço, o sono e a fome. Transpor essas dificuldades e não ter aulas como presenciei durante todas essas semanas, traz desânimo, vontade de desistir e abandonar tudo, é por isso que essas salas estão vazias. Ano que vem eles se matriculam novamente e começam tudo de novo (Diário de Campo, 21 de outubro de 2008).

Essas reflexões, registradas em diário de campo, ocorreram nas primeiras semanas da inserção em campo, ao longo de sucessivos feriados, pontos facultativos e ausência de professores. Essas análises em consonância ao discurso dos estudantes,

sobre a “falta de aulas” e a “urgente necessidade de aulas diferentes”, evidenciam a fragilidade desse ensino público e noturno, que perdura desde a sua formação histórica até os dias atuais.

Ainda sobre as impressões relacionadas à qualidade do ensino público os estudantes dizem:

“A falta de uma escola de qualidade, impede que o aluno se interesse pelo seu futuro e o que deveria fazer dele” (Sara, 19 anos, 1º ano).

“Como vamos fazer um vestibular, concorrer com pessoas que estudam em colégios particulares e passar em uma redação, por exemplo, se não temos aula de redação? (Maria, 20 anos, 3º ano).

Paulo Freire (2001), ao fazer uma reflexão sobre o papel da escola pública, critica o fracasso escolar, como algo imputado apenas aos educandos. Para ele, as escolas expulsam muito mais do que se evadem dela. Em um determinado momento o educando descobre – e descobre sofredamente – que a escola não bate com as suas dúvidas, que a escola não corresponde às suas ansiedades. E, tanto quanto ele possa, deixa a escola. No fundo a escola não se tornou capaz de evitar que o educando não encontrasse nada, nenhum sentido nela.

Aos educandos que persistem dentro desse sistema, a aprovação vem como uma espécie de prêmio, muitas vezes imputada para compor resultados de estatísticas de desempenho escolar, que vêm sendo alardeados pelos governos como grandes vitórias. Todavia, o estudante desse sistema escolar sai ao final, ainda mais pobre, carente, não qualificado, nem antenado com o mundo.

Ainda assim, esse ensino constitui-se como a “única opção” para muitos:

Eu estudo a noite por ser a única opção. No meu caso, eu tenho 20 anos, se eu parar de estudar no terceiro ano vai me atrasar muito. É aquela coisa, se realmente eu quero um emprego melhor, eu tenho que estudar mais. Então esse estudo de noite é a única opção para a gente fazer uma faculdade mais tarde, da gente ter um trabalho melhor (Maria, 20 anos, 3º ano).

Sobre o vazio da sala de aula

Na minha sala só tem três alunos, então os professores ficam até sem ânimo para dar aula. Tem professor que chega e fala que não vai dar aula porque não tem alunos. Então, ele quer dizer o quê? Que nós três, que estamos na sala somos cachorros? Só porque ele está vendo três alunos ele abre a boca e diz que não vai dar aula porque não tem alunos na sala? Eu mesmo, sinceramente, fico revoltada com isso. Hoje por exemplo, já são quase oito horas (20:00 horas) e nada de professor. Então é por isso que eu falo que não vale à pena (Sara, 19 anos, 1º ano)

Em um estudo sobre a evasão escolar, Lolis (2000) conceitua esse problema como o afastamento do aluno da escola. De modo geral, esse desvio se dá por vários motivos, tais como: situação econômica da família; falta de vagas nas escolas; distância da escola; problema de relacionamento entre professor e aluno; gravidez precoce; falta de interesse e de incentivo dos pais e da própria escola, entre outros.

A evasão ocorre com mais freqüência no período noturno, onde se concentra o maior número de indivíduos trabalhadores de tempo integral, onde os indivíduos se vêem obrigados a deixar a escola ainda crianças para ajudar na renda familiar. Como lhes falta a cobrança dos pais em relação ao estudo e até a necessidade de uma maior motivação, esses alunos acabam por apresentar um baixo rendimento e, futuramente a evasão escolar (Lolis, 2000).

Conforme esse estudo, a evasão escolar como consequência da necessidade de aumento da renda familiar tem seus maiores índices nos meses que antecedem o Natal, pois a oferta de trabalho temporário nesta época do ano é muito grande.

Essa situação foi percebida no colégio em estudo, o mês de outubro foi marcado pelo abandono de muitos alunos, devido ao aumento de atividades em seus trabalhos, como também por conta das oportunidades de empregos temporários.

Não foi possível obter do Colégio Ypiranga, o número oficial de alunos que ainda freqüentavam. Na secretaria da escola só foi possível obter o número total de matriculados em 2008, que foram 1.546 alunos, distribuídos em 636 (41,2%) no período matutino, 438 (28,3%) no vespertino e 472 (30,5%) no período noturno. Apesar das

dificuldades de registros oficiais sobre a evasão, o reduzido número de alunos vistos nas salas, mostravam a discrepância entre o número oficial de matriculados e o número de alunos que ainda freqüentavam a escola a noite, apesar desse turno contemplar o segundo maior número de matriculados.

Os dois problemas mais sérios da escola pública são a evasão da escola e a evasão das aulas, visto que muitos alunos freqüentam a escola, mas se ausentam das salas. Tal fato pôde ser facilmente constatado a partir de observações do pátio, que nunca estava vazio, sempre havia um grupo de alunos no local, devido à falta de algum professor, ou simplesmente porque a “aula era chata”, conforme relatos de alguns.

Nesse sentido, a narrativa da estudante Sara, que descreve a situação de sua turma, freqüentada apenas por três alunos, revela a situação caótica em que se encontra a escola pública noturna diante da evasão. Apesar de ser algo notório, o professor ainda encontra-se despreparado para lidar com essa realidade, tomando atitudes que muitas vezes estimula o abandono dos que ainda a freqüentam.

Nesse sentido, “ser tratado como cachorro”, significa ser vítima do desprezo, desamparo e abandono. É ser insignificante a tal ponto, que não é visto nem notado, é algo sem valor e sem importância.

Na oportunidade dessas análises, a fome é re-significada como um desejo profundo por justiça social, atenção e respeito, onde o estudante precisa mais do que uma alimentação que combata a fome biológica. Precisa de valorização social, reconhecimento de seu valor enquanto ser humano e indivíduo trabalhador que estuda a noite.

A partir das narrativas, podemos compreender que o sentimento de fazer “valer a pena”, seria experimentando simplesmente pela presença de um professor em sala de aula, ministrando boas aulas e sensível ao seu aluno que luta com o corpo para estarem na escola naquele momento. Porém, a desmotivação dos professores causada pelos baixos salários, péssimas condições de trabalho e despreparo profissional, são alguns dos fatores para a má qualidade do cuidado que dispensam aos seus alunos.

O estudante noturno e suas fomes

Quando se fala em ensino público noturno, é comum tratá-lo como problema, fonte de insatisfação, que necessita de solução. Ou, então, como fato "natural", sem saída e sem perspectivas de mudanças, destinado aos pobres que já passaram da época de estudar, e que ficarão satisfeitos com "qualquer tipo" de ensino.

O estudo a noite é marcado por suas precariedades, tais como, a falta de ensino, o tempo das aulas, a falta dos alunos, e por que não, dos professores (André, 14 anos, 1º ano).

O mergulho nesse contexto, revela o quanto o estudante noturno encontra-se insatisfeito com esse modelo de educação. A fome é pela urgente necessidade de falar sobre uma realidade impossível de ser ocultada.

Nós alunos da noite, sentimos "fome", não só disso (alimento), sentimos "fome" também de vontade para estudar, pois há uma carência de algazarra, turmas cheias, pois sem isso não há ensino, pelo menos pra mim. Há "fome" também de participação ativa dos professores, de livros e de literatura. Digo que sentimos fome de tantas coisas que dá para "ouvir o ronco das nossas barrigas a quilômetros" (André, 14 anos, 1º ano).

Os significantes da fome são representações dos elementos que compõem o contexto da escola. A falta da aula, do professor, do livro, do colega, deixa uma lacuna na formação, como o vazio que a ausência do alimento faz na "barriga". Como um corpo mal alimentado, sem forças para sobreviver no mundo, a má formação escolar não sobrevive na sociedade capitalista e competitiva.

A algazarra, significa movimento, ebulição, tumulto caloroso, e o número de alunos na classe, que vai diminuindo ao longo do ano, significa uma condição para o desânimo e desmotivação, conforme vários relatos. Nesse contexto, é preciso ter "fome de vontade para estudar", como uma força de vontade inabalável, persistente e destemida, incapaz de desistir, mesmo deparando-se com os obstáculos diários, o

cansaço, o sono e a fome, uma força que seja capaz de fazer seguir em frente e concretizar os sonhos.

Eu tenho fome de cultura na escola, fome de curtir a vida, coisa que não tenho tempo. Vontade de ter muito dinheiro, sem dinheiro tenho fome, tenho sede, solidão, infelicidade. Eu tenho fome de ser feliz, fome de alegria, tenho fome de sono e descanso, faz tempo que não durmo direito, porque estudo e trabalho. Preciso trabalhar para pagar as contas, para não morrer de fome. Eu tenho fome de tudo (Jaqueline, 19 anos, 2º ano).

A maioria das escolas deixa muito a desejar no que diz respeito ao seu compromisso com a formação integral de jovens e adultos, no entanto, a escola pública que está aí e que está sendo oferecida, bem ou mal, é sempre vista a partir de uma perspectiva positiva e de primordial importância, principalmente, por parte das camadas menos privilegiadas da população (Franco e Novaes, 2001).

A “fome de cultura” significa a necessidade de um ensino articulado à vida cotidiana, que promova a formação de um cidadão consciente, historicamente situado e conectado com a produção científica e cultural mais recente. A escola, como um espaço privilegiado para formação, deve contemplar atividades culturais que envolvam o educando.

O desempenho do aluno em seu cotidiano de trabalhador exige e determina responsabilidade, que de modo geral não o permite cumprir tarefas escolares. O período das aulas é o único tempo, que o aluno dispõe para estudar e aprender. Não tem como voltar em outra hora nem encontrar outro momento além do reservado para a escola (Carvalho, 1998).

A vida cotidiana é marcada então, por uma série de tarefas não vistas como prazerosas. De dia o trabalho, como uma obrigação social que garante a sobrevivência. De noite, o estudo como uma “chata” e necessária obrigação, que priva das festas, badalações e saídas com os amigos. Assim, trabalhar e estudar a noite significa não ter tempo para “curtir a vida” e essa falta gera uma fome de alegria e de ser feliz.

A minha fome também é de um dia entrar na faculdade, por isso que trabalho para me manter e estudo para um dia chegar onde eu

quero ter uma vida melhor, um trabalho melhor. Às vezes não tenho tempo nem de estudar, fazer pesquisas, mas a necessidade de vencer na vida é maior, por isso a gente luta, e tenho fé que um dia vou conseguir (Malu, 19 anos, 2º ano).

Um estudo realizado por Franco e Novaes, em 2001, sobre os jovens do ensino médio, mostrou que os estudantes trabalhadores, que estão no período noturno, desenvolvem a representação de que a escola está diretamente relacionada à possibilidade de “ascensão social”, “ser alguém na vida”, “ter um futuro melhor”.

Essas concepções estão presentes nos discursos sobre fome dos estudantes do Colégio Ypiranga. Em seus relatos, expressam que depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir um *status* social mais reconhecido e empregos mais qualificados.

Alcançar esses objetivos, não é só ter esperança, acreditar ou de alguma forma esperar que algo aconteça, é preciso lutar contra todas as fomes do corpo e da alma, e acreditar que tudo será melhor, como uma certeza absoluta.

A comida que mata a fome fora dos muros da escola

Diante de tantas faltas sociais que enfrentam o estudante noturno, ao serem questionados sobre a fome, é possível ouvir muito mais que o relato de uma fome biológica, aquela que faz a “barriga doer” e soar um “ronco do estômago”. Essa dimensão física de fome ganha outros significados menos constrangedores, já que o ter fome e não ter dinheiro para comer é humilhante e dá vergonha.

A fome que os acompanham no espaço temporal do trabalho à escola, é a fome que corrói o corpo e será “tapeada”, “enganada” pelo que for possível consumir, segundo as narrativas.

As possibilidades mais acessíveis não são muitas, indo desde o amendoim torrado, churrasco de carne em espetinho, milho verde cozido ou assado comprados nas imediações da escola, até a possibilidade mais disputada, a “sobra” da merenda da tarde, é encontrada na cozinha da escola apenas pelos poucos que conseguem chegar antes das dezenove horas.

Dentro das alternativas alimentares para aqueles que têm condições de comprar, estão a cantina no interior da escola e os lanches comercializados por uma mulher, do lado de fora.

A cantina foi alugada a menos de um ano por uma senhora, que por trabalhar com eventos nunca está no local, deixando-o sob os cuidados de um sobrinho. Durante o estudo, a encontrei fechada várias vezes e quando estava aberta, encerrava o expediente antes das vinte e uma horas devido ao “movimento fraco” ou por conta da “sobra” do lanche da tarde, conforme relato do funcionário. O lanche mais comercializados a noite é o *hamburger* com refresco de 200 ml, que custa R\$ 1,70, durante o estudo vi apenas dois estudantes consumindo. “Os alunos da noite, apesar de trabalharem, preferem comprar o lanche do lado de fora, acho que é porque acham caro ou porque oferecemos poucas opções”, relata o funcionário da cantina. Nesse dia, por exemplo, foi fechada antes das vinte horas, porque havia sobrado feijão tropeiro do lanche da tarde.

O lanche vendido do lado de fora, é elaborado e comercializado por uma ex-aluna da escola, Joelma, que abandonou os estudos para dedicar-se exclusivamente à essa atividade. Mencionada por vários professores como “a aluna que abandonou os estudos para vender merenda na porta da escola”, a mesma segue amenizando a fome dos colegas, enquanto garante a renda que mata sua fome e a fome de seus filhos.

Sobre o seu trabalho, ela relata que começou fazendo alguns salgados como: coxinha de frango, bauru de queijo e presunto, enrolado de salsicha que eram e vendidos no interior da sala de aula. Com o tempo, “como todo mundo” chegava com fome, começou a produzir mais e vender no pátio da escola, pois nessa época a cantina estava fechada. “Era briga na escola por causa do meu lanche, até professor saía da sala dele para comer”, relata Joelma. Depois de um tempo, a cantina foi alugada e a diretora não permitiu mais a comercialização do lanche no interior da escola, a partir de então, passou a vender do lado de fora, em frente ao Colégio Ypiranga, na soleira da porta de um casarão.

A crescente procura pelos lanches, como também novas encomendas, impediram que continuasse os estudos:

No início, até dava pra eu assistir aula, chegava dezoito e trinta e vendia até dezenove horas. Mas depois comecei a fornecer também para uma lanchonete no Pelourinho [...] Quando saía da escola, chegava em casa umas vinte e duas horas, muito cansada para ter que fazer para o outro dia cem lanches. Eu tinha que ficar acordada até umas vinte e três horas pra abrir a massa do pão. Eu ia dormir que horas? Ainda tinha que fazer o suco. Eu vou ficar acordada até tarde na casa dos outros? Fazer “zuada” para os outros acordarem? Eu não! Moro com a minha sogra, meu marido trabalha de manhã cedo [...] não deu, eu tive que deixar a escola (Joelma)

Vários elementos são citados por Joelma para justificar o seu abandono à escola quando cursava o 3º ano, do supletivo. A atividade remunerada que garante a sua sobrevivência e a dos seus três filhos, não pôde ser conciliada com os estudos, pois a fome de Joelma e dos seus colegas, não dá trégua, precisa ser combatida todos os dias.

Hoje eu trouxe vinte lanches. Em vinte minutos vendi tudo!! É sempre assim! Hoje eu trouxe refrigerante, mas na maioria dos dias é suco. O salgado com o suco ou refrigerante custa R\$ 1,00. Eles (os alunos) gostam mais do suco de maracujá que eu faço. Eles dizem que é para acalmar, que chegam do trabalho estressados e que é para não se estressarem no colégio (Joelma).

O lanche custa R\$ 0,70 menos que o lanche mais barato vendido pela cantina. Além de significar uma economia no final do mês, esse lanche mantém uma relação particular com os alunos, pois não só sacia a fome, como também alivia as tensões diárias, quando compõe o suco de maracujá, “feito da própria fruta” como enfatiza a vendedora. Essa relação de cuidado, entre Joelma e seus colegas, é visivelmente percebida durante a venda dos lanches, quando os estudantes se aglomeram à sua volta e solicitam seu atendimento, há uma “algazarra”.

Muito conhecida e querida pelos colegas, atende com entusiasmo e animação todos os alunos que procuram pelo seu lanche. Com alguns colegas, considerados como “clientes certos”, tanto no consumo como no pagamento, há uma “relação de fidelidade”, onde alguns salgados são escondidos por baixo dos outros salgados e entregues para eles com exclusividade, quando chegam atrasados.

A venda do lanche “fiado” é uma prática muito comum, o pagamento acumulado é efetuado quinzenalmente ou mensalmente, e constitui também um privilégio exclusivo dos clientes certos. “Alguns chegam para mim e dizem que não têm dinheiro hoje, pedem para eu vender fiado, eu vendo, eu só não posso é deixar de vender” (Joelma). Sobre essa relação comercial os estudantes relatam:

Eu como de quatro a cinco peças (salgados) por dia. Pago por mês porque não tenho dinheiro todo dia. Então, no final do mês deixo quase todo o meu salário aqui (Sílvia, 18 anos, 2º ano).

Como vivo de “bico” nem sempre tenho dinheiro. Então, vou juntando e acabo deixando aqui uns R\$ 30,00 R\$ 40,00 no final do mês. Se todo esse dinheiro que eu gasto com lanche eu gastasse com a xerox das apostilas eu tava passado de ano. Mas tenho que comer, não é? “Saco vazio não segura em pé” (João, 17 anos, 1º ano).

Nesse sentido, o comer custa caro e sacrifica uma parcela do salário que deveria ser investido em outras necessidades, como materiais de estudos, por exemplo. E a sensação de dever cumprido com o corpo e com suas necessidades fisiológicas, justifica o gasto financeiro. Em ambos os casos, houve uma perda no estudo para combater a fome.

A dona da cantina sente-se prejudicada e se queixa por pagar o aluguel do estabelecimento e a direção nada fazer sobre a venda do lanche do outro lado da rua. E enquanto fecha suas portas mais cedo, por não conseguir concorrer com o lanche nem com a “sobra” servida esporadicamente, o lanche de Joelma é consumido independentemente do que o aluno possa encontrar, conforme relato:

Quando ainda tem merenda lá dentro (da escola), a maioria vai lá, come e volta aqui e come meu lanche também. Ontem mesmo lá dentro tinha sobrado feijão tropeiro, aí aquele menino (João) que falou com você, foi lá, comeu feijão tropeiro, voltou aqui e comeu pastel com guaraná. Acho que a quantidade da comida que tinha lá, não encheu a barriga dele. Mas é assim, tem gente aqui que come cinco lanches por dia, ele mesmo, come cinco lanches se deixar (Joelma, 23 anos, ex-aluna).

Esse relato, retrata a situação dos estudantes que chegam antes das dezenove horas, ele segue direto para o refeitório da escola na esperança de encontrar “alguma coisa para comer”. Muitas vezes não encontra nada, outras vezes encontra um mingau, porém as quantidades são sempre reduzidas, e não “enchem a barriga” como também não conseguem evitar as dívidas com os lanches.

A fome que morre no corpo

Tem trabalhos que às vezes não dá tempo nem da pessoa almoçar. No meu caso, lá onde trabalho, quando é tempo de festa eu não almoço. Eu chego aqui (na escola) já atrasada. Não tenho como ir em casa, nem mesmo como comprar, fico sem almoçar por causa do movimento e saio de lá direto, sem comer nada, principalmente quando é dia de prova [...]. As vezes o professor já está na sala, às vezes não, aí tem que ficar aqui esperando ele com fome, e não comer nada [...] a fome morre no corpo, por que mesmo que eu sentisse (fome) eu vou fazer como? Não tem como. Como é que come? Não é todo dia que nós temos dinheiro pra estar comprando lanche. No meu caso, às vezes não tenho dinheiro (Maria, 20 anos, 3º ano)

Muitos dos trabalhadores temporários são jovens no primeiro emprego. E, para muitos, esta é também a chance de ser efetivado. “Tem que trabalhar bem, colocar a mão na massa mesmo”, para ser notado e continuar no quadro de funcionários após o período festivo.

Enquanto os empresários estão preocupados com o faturamento de seus estabelecimentos, o trabalhador, em períodos sazonais, trabalham mais que oito horas diárias, sendo que a maioria não recebe hora extra e parte deles não ganham sequer uma folga. Nesse sentido, o comércio se assemelha ao trabalho escravo, pois o salário é baixo e o trabalhador é obrigado a cumprir longas jornadas de trabalho. Na maioria das vezes, não ganham por horas extras trabalhadas e nem têm direito a nenhum outro benefício trabalhista.

Apesar de a exploração ser visível, ela é sempre escamoteada, já que os funcionários são sempre coagidos a não denunciarem, sob pena de perder o emprego. A questão é que é o comércio um dos maiores empregadores e o setor que mais utiliza

mão-de-obra não qualificada e absorve grande parte dos jovens que buscam o primeiro emprego, é onde estão muitos estudantes trabalhadores do Colégio Ypiranga, inseridos no intenso comércio localizado nas imediações da escola.

O diferencial no comércio, como já foi dito, é a carga de trabalho. Enquanto no serviço público e em outros setores da economia os trabalhadores cumprem um máximo de 40 ou 48 horas semanais, o comércio vai além disso - sábados, domingos e feriados não existem para esses trabalhadores.

Já aconteceu comigo, é assim, eu estou atendendo muitos clientes, é tempo de festa, aí não tem como almoçar, nem tem como sair. Chega a hora de almoçar, eu passo da hora (de comer), aí a fome passa, não sinto mais fome. Você sentiu naquele momento e depois esqueceu. Aí pronto, ali pra mim morreu no corpo. Pelo fato de você estar trabalhando, estar agitada, nem lembra (da fome) (Maria, 20 anos, 3º ano).

“Sentir fome e sair para almoçar”, significa perder o movimento de clientes, e conseqüente oportunidade de venda, já que muitos aproveitam o horário do almoço para realizarem suas compras. Assim, o corpo precisa construir outras formas de lidar com a fome.

O que é percebido, num momento, pode ser alterado e percebido de outra maneira, num momento seguinte. Sendo assim, os significados da fome perpassam a imagem corpórea da carência de comida, indo ao encontro de outras concepções sustentadas por um sistema de símbolos gerados pela insegurança concreta de alimentar-se (Freitas, 2002).

É na linguagem que o indivíduo procura externalizar as experiências do seu cotidiano com o mundo. Sentir fome e deixá-la viva na memória e no corpo provoca fraqueza, cansaço, desânimo e dor, sensações que prejudicam o cotidiano de trabalho. Esquecer essa fome a tal ponto de deixá-la morrer, significa adaptar esse corpo faminto ao mundo de privações alimentares vivenciadas no trabalho e na escola.

Conclusões

A escola pública e noturna foi construída para atender as necessidades de uma classe trabalhadora, no ensino das primeiras letras. O modelo atual, que também abrange um grande contingente de trabalhadores, encontra-se numa conjuntura social muito diferente, voltada para uma economia neoliberal, competitiva e excludente.

Os estudantes da escola pública noturna, já inseridos no mercado de trabalho, em empregos que exigem mão de obra pouco qualificada, desempenham trabalhos exaustivos e são mal remunerados. Assim, desenvolvem a crença de que a escola possibilitará melhores oportunidades, como o ingresso na universidade e o emprego com maior remuneração.

Diante disso, o estudante trabalhador cria expectativas pelo ensino público, que para ser conciliado com o trabalho, exige luta contra o sono, o cansaço e a fome. Em um determinado momento, percebem de modo duro que esse ensino não dialoga com o seu cotidiano, não responde suas dúvidas, nem corresponde às suas ansiedades. Descobrem-se assim, excluídos também pelo sistema educacional e com muitas fomes sociais.

Os significados e percepções da fome expressos pelos estudantes trabalhadores são representações dos elementos que compõem o quadro de faltas do ensino público e noturno. Dessa maneira, não podem ser tratados isoladamente, com medidas paliativas, sem penetrar na dimensão escolar.

A falta do professor, a falta das aulas, a falta dos colegas e a falta da alimentação, não podem ser supridas apenas por uma política de alimentação escolar, principalmente se seguir os moldes do modelo vigente.

Com esse estudo é possível que se tenha a oportunidade de discutir medidas que combatam a fome do estudante noturno, que não é só por comida.

REFERÊNCIAS

ANGELIS, Rebeca Carlota. **Fome Oculta, bases fisiológicas para reduzir seu risco através da alimentação saudável.** São Paulo: Atheneu, 2000).

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UNB. 6ª ed., 940 p., 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BEISIEGEL, Celso de Rui . **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos.** São Paulo: Pioneira, 1974. 189 p

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia.** São Paulo: Cultrix, 1997.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Alternativas Metodológicas Para o Trabalho Pedagógico Voltado ao Curso Noturno. Publicação.** Série Idéias n. 25. São Paulo: FDE, 1998Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amb_a.php?t=024. Acessado em 04/10/2007.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 167 – 183, março/2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Uma abordagem fenomenológica da fome.** Rev. Nutrição Campinas, 15 (1): 53-69, jan. / abr., 2002.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da fome.** Salvador / Rio de Janeiro: EDUFBA e FIOCRUZ, 2003.

FREITAS, Maria do Carmos Soares; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce. **Escritas e Narrativas sobre alimentação e cultura.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GILES, Thomas Ransom. **História da educação.** São Paulo: EPU, 1987.

INSTITUTO CIDADANIA. Projeto Fome Zero: uma proposta de política pública de segurança alimentar para o Brasil. São Paulo: Instituto Cidadania, 2001, 118 p.

LOLIS, Dione; LIMA, Jane Cristina Franco. Evasão e demanda escolar nas favelas e assentamentos na região leste de Londrina, 1997. Disponível em: http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n2_evasao.htm. Acessado em: 20/11/2009.

NASCIMENTO, Renato Cavalheira. Josué de Castro: o sociólogo da fome. Consultoria prestada para a Fundação Banco do Brasil/ Projeto Memória, por meio do Centro de Estudos e Pesquisas Josue de Castro, em 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/consea/static/documentos/Outros/Consultoria%20FBB%20Josu%E9%20de%20Castro.pdf>, acessado em: 18/09/2008.

SAVIANI, Dermeval *et al.* **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – Coleção Educação Contemporânea.

SOUZA, E.C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: Editora da UNEB, 2006.

TOGNI, A.C.; CARVALHO, M.J.S. **A escola noturna de ensino médio no Brasil**. Revista Ibero Americana de Educación – Número 44, pp.61-76 Maio/Agosto 2007.

VALENTE, Flávio Schieck. **Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos**. Saúde e Sociedade, v. 12, nº1, p. 51 – 60, jan./jun. 2003.

VICTORA, Ceres Gomes. *et al.* **Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIEIRA, Sofia Lerche Vieira; FREITAS, Isabel Maria Sabino de. **Política educacional no Brasil: introdução histórica**. Brasília: Plano Editora, 2003.